

# ILUSTRAÇÃO

N.º 313 — 14.º ano



INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

# Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA  
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

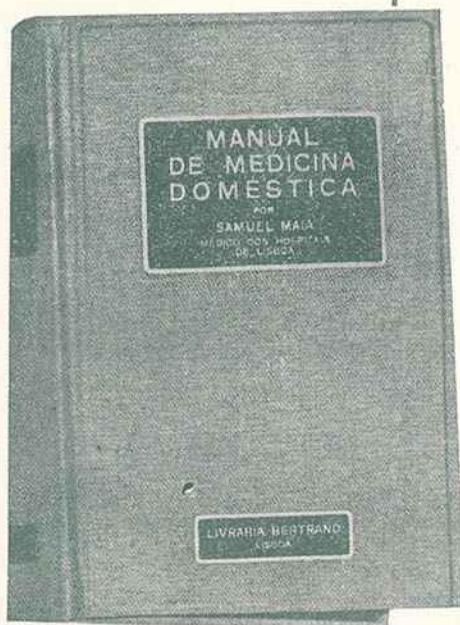
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

*Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.*

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

## Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

*Regra de bem viver para conseguir a longa vida*

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

**GOTOSOS E REUMATICOS**

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dores com o

**ESPECIFICO BÉJEAN**O remédio mais **ACTIVO** prescrito pelas autoridades médicas contraa **GÔTA**, a **SCIÁTICA**  
os **REUMATISMOS**  
**Agudos ou Chronicos**e todas as dores de origem artrítica  
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez  
da sua acção.À venda em todas as Pharmácias  
**Produits BÉJEAN - Paris****ILUSTRAÇÃO**  
Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)  
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa  
Administração: Rua Anchieta, 51, 1.º — Lisboa**PREÇOS DE ASSINATURA**

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular .....	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada) .....	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português .....	—	64\$50	129\$00
(Registada) .....	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias .....	—	64\$50	129\$00
(Registada) .....	—	69\$00	138\$00
Brasil .....	—	67\$00	134\$00
(Registada) .....	—	91\$00	182\$00
Outros países .....	—	75\$00	150\$00
(Registada) .....	—	99\$00	198\$00

**VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA****NOVIDADE LITERÁRIA****O CONTO DE AMADIZ DE PORTUGAL****PARA OS RAPAZES PORTUGUESES**

POR Afonso Lopes Vieira

1 vol. de 48 págs. formato 26 1/2 x 20, com desenhos e capa  
a cores de Lino António, br. Esc. 7\$00  
Pelo correio à cobrança, Esc. 8\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**PAULINO FERREIRA**

: : ENCADERNADOR - DOURADOR : :

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,  
MOVIDAS A ELECTRICIDADE**CASA FUNDADA EM 1874**Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo****Orçamentos Grátis****Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA****Telefone 2 2074**

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

**BAUME BENGUÉ**

Apr. D. S. P. em 9 3 1013 500 o N.º 28

**RHEUMATISMO-GOTA**  
**NEURALGIAS**

Venda em todas as Pharmacias

O mais económico e o mais interessante  
magazine mundialO de maior tiragem e o de mais actualidade  
que se publica em Paris**MATCH****Formidável documentário dos mais  
palpitantes assuntos**48 páginas, profusamente ilustradas apenas **Esc. 2\$60**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**GRAVADORES**  
**IMPRESSORES****Bertrand, Irmãos, L. da****Telefone 2 1368****Travessa da Condessa do Rio, 27**  
**LISBOA****À VENDA****A Patologia da Circulação Coronária****O problema da angina pectoris**  
**O infarto do miocárdio**  
**O síndrome de Adams-Stokes**PELO **DR. EDUARDO COELHO**  
Professor da Faculdade de Medicina1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 x 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. **25\$00**  
Pelo correio à cobrança, Esc. **27\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

ACABA DE APARECER

## DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso e muito bem encadernado em percalina verde

Esc. 15\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 17\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

Da Academia das Ciências de Lisboa

## GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES, DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

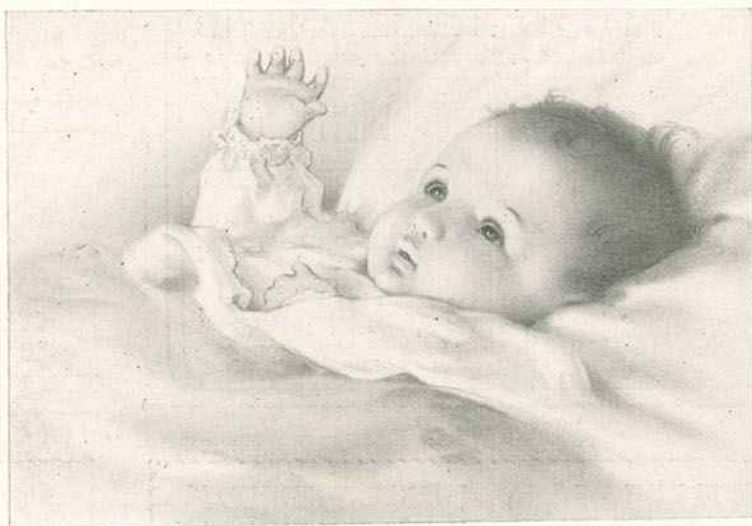
1 volume brochado ..... 15\$00

Pelo correio à cobrança ..... 16\$50

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



ÀS MÃES PORTUGUESAS

Acaba de aparecer, refundida, ampliada, actualizada, a 4.ª edição de

## O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a cores

1 vol. de 368 págs., broc., Esc. 15\$00; pelo correio à cobrança, Esc. 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

## A RETIRADA DOS DEZ MIL

DE XENOFONTE

Trad. e prefacio de AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 352 págs., broch. .... 12\$00

Pelo correio à cobrança ..... 14\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de aparecer:

A VERDADEIRA HISTÓRIA  
E VIDA DA

## SEVERA

(Maria Severa Onofriana)

1820-1846

por **JULIO DE SOUSA E COSTA**

Apontamentos e noticias para a sua história — Casos interessantes em que intervieram personagens de destaque — A vida na Mouraria — A boémia dourada — A Severa, cantadeira e poetisa — Alma generosa, embora mulher perdida — O retrato da «Severa» — Doença e morte — Vala comum

1 vol. de 208 págs. com um retrato da Severa, Esc. 8\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 8\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4\$00

## VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4\$00

**Livraria Bertrand** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

PROPRIEDADE  
DA LIVRARIA  
BERTRAND

REDACÇÃO E  
ADMINISTRA-  
ÇÃO: RUA AN-  
CHIETA, 31, 1.º  
TELEFONE: -  
2 0535

1-JANEIRO-1939  
N.º 818 - 14.º ANO

# ILUSTRAÇÃO

*grande revista portuguesa*

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca - Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - LISBOA

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

## Aos nossos queridos leitores, colaboradores e anunciantes



*Entrando no seu 14.º ano de existência, a Ilustração deseja a todos os que tão gentil e generosamente a têm auxiliado na dura senda das coisas impressas, um novo ano cheio de prosperidades*

# ACTUALIDADES DA QUINZENA



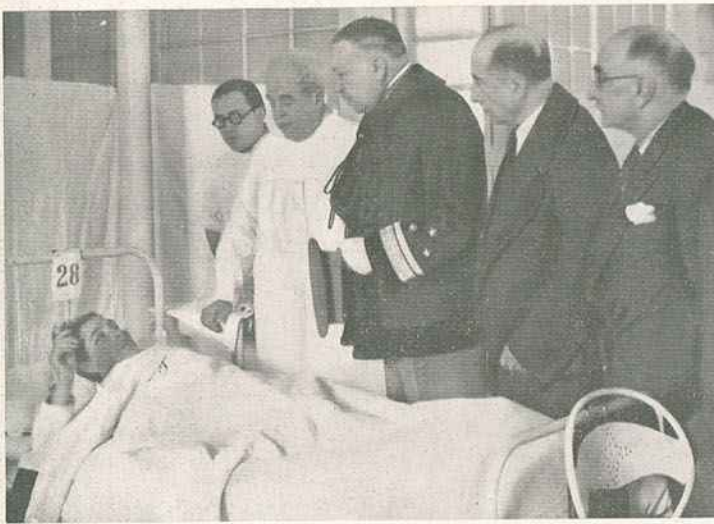
*Em cima, à esquerda:* Dôr que se manifesta em tôda a sua amargura no rosto dessas pobres mulheres que o naufrágio da lancha "Tonecas", ocorrido há dias no Tejo, cobriu de luto. — *A direita:* O sr. ministro do Interior acompanhando o funeral das vítimas do naufrágio. — *Ao centro:* Um aspecto do funeral, vendo-se os alunos do Seminário de Almada incorporados no cortejo fúnebre. — *Em baixo:* Um trecho da assistência às exéquias por alma do marechal Gomes da Costa, na igreja de S. Domingos, no dia do aniversário da morte do saúdoso cabo de guerra.



# O NAUFRÁGIO DO «TONECAS»



À esquerda: A draga «Finalmarina» atracada ao cais após a catástrofe do afundamento da lancha «Tonecas». À direita: A lancha a motor «Tonecas» que a draga «Finalmarina» despedaçou e meteu no fundo, causando quatro mortos e nove passageiros desaparecidos

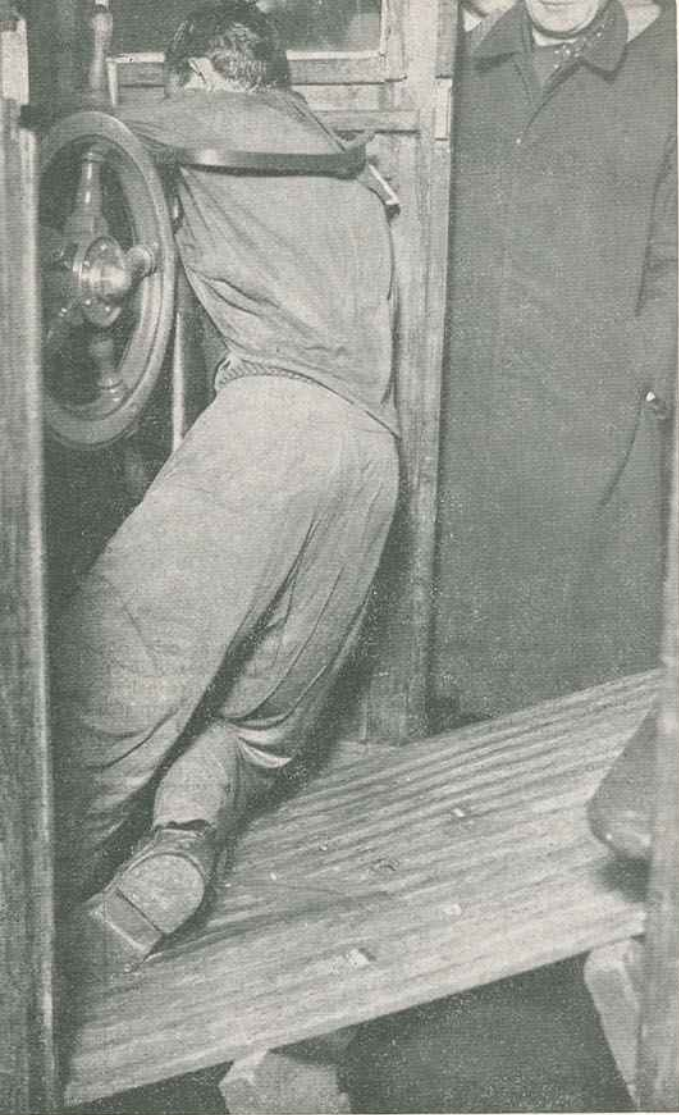


O sr. general Amílcar Mota visitando os feridos, em representação do Chefe do Estado. — À direita: A família de Luíza Nunes Ferreira visitando a naufraga no hospital de S. José. A expressão da jóvem dá bem a ideia da pavorosa catástrofe de que tão dificilmente se salvou



Os «salvados» que recolheram na Polícia Marítima, vendo-se à esquerda o mestre do rebocador «Atro» que tomou parte nos trabalhos de recolha de naufragos. — Mais «salvados» amontoados na Polícia Marítima — o pouco que muito diz dessa desgraça emocionante

## A CATÁSTROFE DO «TONECAS»



O cadáver do desventurado Antônio Germano na posição em que foi encontrado: uma mão no leme, outra no telégrafo. Nas costas vê-se a correia da mala do dinheiro. — *À direita*: O cadáver na sua rigidez emocionante. — *Em baixo*: Um aspecto do povo que, de terra, seguia os trabalhos dos rebocadores para levantamento da lancha «Tonecas» metida no fundo pela draga «Finalmarina».





# UMA MULHER QUE SOUBE AMAR

CONHECI esta mulher. Um dia, no deambular da minha vida artística pelo mundo, encontrei-a.

Achei-a diferente das outras. Tinha no olhar como que diluidos todos os tormentos que podem alancear um coração humano.

Na sua atitude havia um não sei quê de misterioso.

Falava pouco com as pessoas que se lhe chegavam ao pé, nunca falava de si e nunca a vi sorrir francamente.

Apenas esboçava um sorriso forçado, um sorriso de etiqueta para não passar por incivil junto daqueles que a acumulavam de gentilezas.

Porque agradava a tôda a gente, esta mulher.

Os homens sentiam por ela uma atração especial, não porque ela os envolvesse em garridice ou lhes desse a mais pequena liberdade para poderem pensar dela coisas menos dignas, mas é que em tôda a sua figura havia um "charme," muito feminino, que prendia irresistivelmente.

As mulheres, essas então, gostavam dela, justamente porque as não ofuscava na conquista do macho, visto que ficava sempre indiferente aos galanteios masculinos, como que envolta numa frieza invencível.

Eu era do grupo que a rodeava no teatro e no casino, mas poucas vezes lhe dirigia a palavra, porque o que eu queria era encontrá-la um dia sôzinha, e poder devassar a sua alma que me interessava.

Por detraz daquela capa de insensibilidade, devia haver uma ferida, provavelmente uma ferida de amor que são as feridas que mais doem, e que melhor queremos disfarçar ou esconder com aparências calmas e impenetráveis.

Quanto mais se sofre, mais serena é a máscara que afivelamos.

Por tôdas estas considerações e pela minha tendência natural de sondadora de almas, eu tinha empenho em que aquela mulher se abrisse comigo, e me dissesse as coisas que não tinha ainda confiado a ninguém.

Querida ser a depositária da sua tragédia.

Uma noite no teatro, num dos intervalos, encontrámo-nos por acaso, na sala de "toilette". Não estava mais ninguém.

Emquanto ela arranjava os cabelos loiros e empoava o rosto muito belo ainda, eu contemplava-a e via-lhe no espelho os olhos doirados onde brilhava uma lágrima teimosa.

Eu já tinha reparado que os seus olhos brilhavam com os restos do pranto chorado em segrêdo.

E atrevi-me a dizer-lhe:

— "Parece que anda sempre triste. Que mágua terá sido a sua, para assim lhe ter apagado no olhar a alegria de

viver? Para mim, romancista e artista de profissão, seria uma preciosa mina de emoções, se quizesse franquear-me o seu peito e mostrar-me as suas dores."

Ela teve um trejeito triste, que queria ser um sorriso, e respondeu:

— "Talvez me fizesse bem desabafar. Já amou alguma vez? Se amou, sabe o martírio que isso é, mesmo sendo amada também, porque seja como fôr o amor nunca é alegre. E, então, quando somos só nós a amar, é um verdadeiro inferno."

Vendo-a em bom caminho para a confiança, animei-a:

— "Continue. Deite cá para fora todo êsse azedume que lhe amargura os seus dias e desassossega as suas noites. Verá que fica melhor, mais leve, sem tanto pêso no coração..."

Ela cedeu, vencida pela sua própria ânsia de expansão:

— "Ah! não calcula a tempestade que passou na minha vida! Eu vivia despreocupada, sem cuidados, sem penas, não feliz isso é certo, mas serenamente.

"Um dia dei com um homem que me agradou. Não foi paixão de princípio, mas em paixão, e avassaladora, se tornou depois.

"Eu vivia dêle e para êle. Era terna, carinhosa, talvez de mais, quando nos encontrávamos. Ele recebia as minhas caricias sem entusiasmo, pelo menos sem entusiasmo aparente.

"Parecia-me que não era correspondida inteiramente.

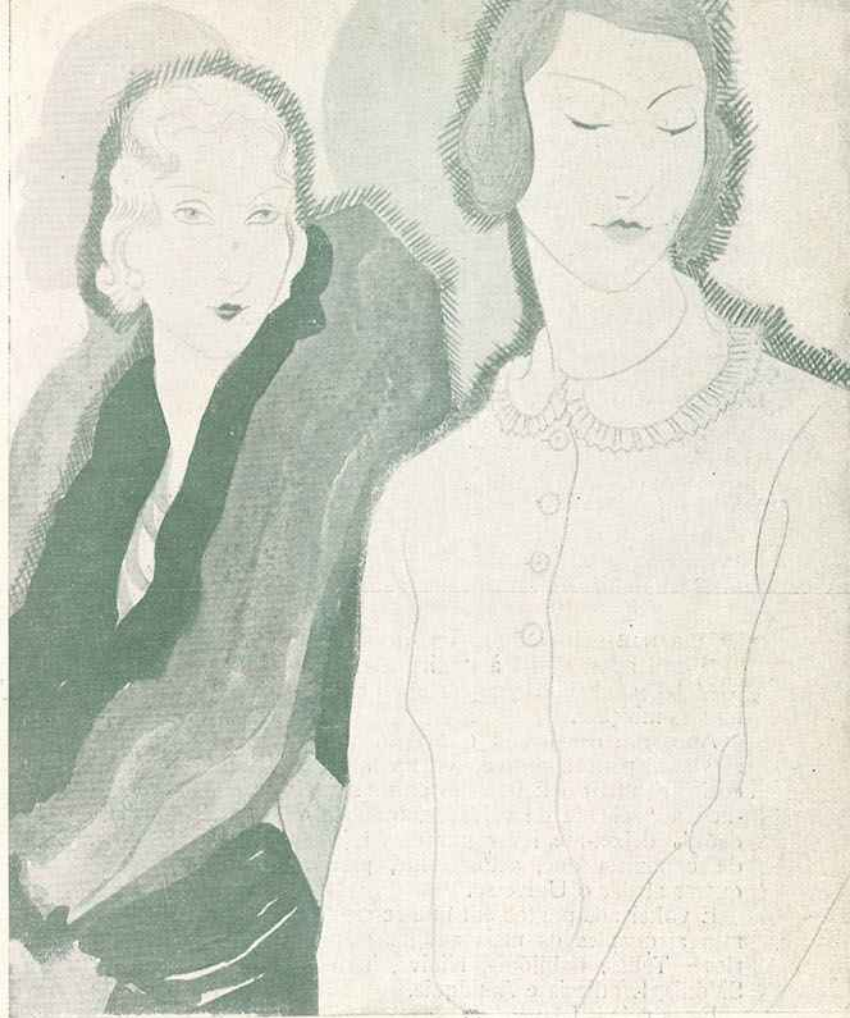
"E tinha uns ciúmes doidos do passado, do presente e do futuro. É insensato, bem sei, mas que culpa tenho eu de ter êste jeito assim de amar com loucura?"

— "É verdade, cada uma de nós é igual às outras nessa mania do exclusivismo, mas é natural e humano, quando se ama". Interrompi eu.

Ela continuou:

— "Mas êsse homem era positivamente num temperamento oposto ao meu. Parecia insensível a tôdas as provas de ternura que eu lhe dava.

"Eu gostava dêle, mas andava enervada



com aquele feitio sêco, sem uma palavra de carinho para desfazer as minhas dúvidas sôbre o seu sentir. Adoecei do coração. Andava sempre exasperada pela desconfiança e cheia de amor por êle, ao mesmo tempo.

"Era um tormento insuportável. Queriria-o ao pé de mim, e quando o tinha a meu lado não podia com a mágoa de julgá-lo desleal, infiel.

"Resolvi acabar com êste amor, como quem faz uma operação — operação mais dolorosa do que tôdas as operações dos males corporais.

"E fugi-lhe. Sofri e sofro ainda muito, e sofrerei sempre, porque lhe quero como então.

"Mas antes isto, do que ver o seu ar indiferente, quando eu me queixava, e até o seu sorriso trocista, quando o ciúme me fazia desvairar e estorcer de dor.

"Creio que êsse homem nunca me compreendeu. Deixá-lo.

"Tenho-o ainda dentro da minha alma, como na primeira hora de paixão. Arredei-o do meu caminho, mas recolhi-o no meu peito para sempre. Só quando morrer me libertarei dêle."

E eu fiquei pensando como os homens são tão cruéis que matam os próprios sonhos que crearam.

Valerá algum a pena de ser amado como esta mulher amou?

E são êles que nos chamam inconstantes... Já é descaramento!

MERCEDES BLASCO



# IMPRESSÕES DE ASHAVERUS

## FALAM OS ESPECTROS DOS ANTIGOS EMPÓRIOS

que se afundaram na poeira da sua inconcebível vaidade

"Sobre os meus escombros foram edificadas várias cidades... Mas onde foram parar as cem portas de bronze das minhas muralhas e as imensas riquezas do templo de Belo?"

"Como desapareceram os meus famosos jardins suspensos que constituíram a mais assombrosa maravilha daquela civilização?"

"Como pôde ser arrasado o portentoso palácio de Nabucodonosor sobre cujas ruínas caiu morto o grande Alexandre Magno?"

"O que resta hoje do meu assombroso poderio? Uma aldeia mísera a que chamam Hillah, lagoas infectas e lodaçais pestíferos substituíram os meus vergeis.

ria do monarca... Diriam como os artistas de todo o orbe acorriam ali a oferecer em holocausto a sua inspiração..."

"Contariam como eram procurados os vinhos deliciosos, os frutos perfumados e os peixes mais raros nos mais remotos confins para aqueles banquetes intermináveis em que os dias e as noites surpreendiam os comensais embriagados... Como se extinguiu tudo isso!... Um dia, os caldeus e os medos caíram sobre a cidade descuidada e arrasaram-na. Sardanapalo, cercado no seu palácio, lançou-lhe fogo, e assim morreu sem interromper a sua orgia, rodeado pelas suas mulheres, pelas suas escravas, pelas suas



filha da cananea, e com sete <sup>Diabólina</sup> páes e dois peixes deu de comer à multidão que o seguia. "Vimos e não compreendemos!" "Um dia, chegou Alexandre Magno,

se refugiavam as feras bravias... Ruínas de ruínas, porque antes de ser a Laodiceia que ouviu S. Paulo indicar a boa senda, foi Diópolis — a cidade de Deus — a jóia da Frígia, rodeada de jardins. "E hoje? Vede esta mísera povoação chamada Lataquí, levantada com as pedras encontradas nos meus escombros.

"Aqui acampam algumas caravanas como se fosse num oásis. Mas, apenas repousam sem ter admirado o plácido espectáculo da minha campina verde, fogem desta solidão em que parece pesar uma maldição eterna!"

Finalmente, ergueu-se a voz da Antióquia:

"De que te queixas, Laodiceia?... Eu, sim, que tive um nome glorioso e sonoro. Chamei-me Teópolis que significa Cidade de Deus. Eu, sim, que escutei as palavras ardorosas que propagavam a fé cristã, depois de ter sido a rival afortunada de Roma e de Alexandria.

"No meu seio pré-garam S. Paulo e S. Barnabé, e poucas como eu conheceram o génio ardente de S. Jerónimo. Na celebração de dois concílios, vieram até mim os mais sábios varões da Cristianidade. Para os discípulos de Jesus era eu a filha predilecta de Sião, e para os imperadores romanos a rainha do Oriente.

"Agora restam apenas escombros. As guerras, os terramotos sucederam-se com fúria cruel... As minhas ruínas, empapadas de sangue, parecem repercutir ainda o eco dos alaridos da Dor e o estertor da Morte..."

ERANTE pelo mundo há quasi dois mil anos, voltei à minha terra natal, sonhando grandezas e acalentando ambições.

Após mil desalentos que apenas me serviram para compreender melhor os ensinamentos do Eclesiastes ao mostrar-nos a "vaidade de vaidades, tudo vaidade!", deixei-me levar por essa rajada de conquista que, actualmente, parece querer abalar o Universo.

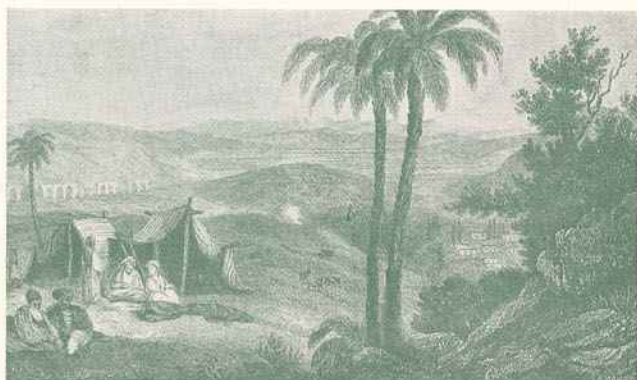
E voltei aos pontos em que se ergueram arrogantes os mais antigos empórios — Tebas, Babilónia, Ninive, Tiro e Sidónia, Laodiceia e Antióquia.

Essas ruínas falavam...

Eis o que ouvi dizer à orgulhosa Tebas: "Que se sabe de mim?... Uns sacerdotes egípcios, que conheceram algumas das tradições da minha grandeza, ditaram-nas a Herodoto. Sem isso, e sem estas pedras venerandas, estes blocos de negridos e estes alicerces formidáveis que o sol beija no próprio lugar das ruínas, não poderia o mundo moderno aperceber-se da minha existência. Quando os cristãos perseguidos vieram parar ao meu seio, em busca de refúgio na solidão dos meus sepulcros, eu era apenas a sombra das minhas sombras. O colosso derribado e as inscrições que provavam a sabedoria dos meus soberanos, foram os únicos testemunhos que se mantiveram na Tebaida. E então os anacoretas oraram a Deus sobre as cinzas da maior, da mais sábia e da mais devassa cidade erguida pela loucura humana."

Babilónia ergueu a voz para dizer:

Tebas "Fui eu quem destruí Jerusaleim e submeteu à escravidão o povo hebreu. Fui o braço de Jehovah, e a minha fama perdurará na memória dos povos enquanto o mundo for mundo. O rio Eufrates cantará eternamente as minhas



grandezas. Ciro conseguiu vencer-me, e Trajano contemplou as minhas ruínas. Cumprira-se o anátema de Jeremias: "Virá do Aquilão um povo contra a Babilónia e a converterá num deserto, não voltando este império a ser habitado por qualquer ser humano!"

Ante mim estende-se agora o deserto amarelo... Ah! paguei bem caro o sacrilégio de ter posto as minhas mãos iconoclastas no templo de Salomão!...

Falou então Ninive: "Pobre de mim, desventurada Ninive!... O meu nome sonoro citado tantas vezes nas Sagradas Escrituras foi substituído pelo de Nusul... Tempos idos, gloriosos tempos! Fui um assombroso empório de riqueza, de arte e de prazeres... Hoje não passo de um pobríssimo refúgio de caravanas... De mim ficou apenas uma inflamante memória. Rival da Babilónia, vencia-a pelas armas, e suplantava-a em vícios.

"Em vão o profeta Jonas, vindo até mim no ventre da baleia, me quis afastar da loucura dos meus prazeres..."

"Oh! se os homens desse tempo pudessem voltar ao mundo e contassem o que eu fui, maior seria o vosso espanto diante do que hoje sou!... Diriam como era o palácio de Sardanapalo, e como se juntavam ali as mais belas mulheres da Ásia, da África e até da Europa, aumentando com a beleza da sua nudez a gló-



dançarinas, pelos seus músicos, pelas suas obras de arte e pelos seus tesouros... E eis-me reduzida a um montão de cinzas para lição da Humanidade..."

Tiro e Sidónia falaram assim: "Pobres loucas que fômos! Cheias de soberba, tivemos junto de nós a Fé e a Vida eterna e não as conhecemos! O Rabi passou em pobríssima caravana. Ia pré-gando a boa nova seguido por alguns discípulos.

"— "É o filho do Deus dos hebreus!," — gritava a multidão que corria para o ver e ouvir.

"Oh! quem o tivesse conhecido verdadeiramente! Não vestia púrpura, nem levava no cinto espada com punho de ouro. Apenas a poeira dos caminhos lhe cobria a túnica... E nós — loucas que fômos! — fazíamos das ideias da divindade e do esplendor o mesmo conceito!... Pois se éramos as ousadas navegadoras que nos atrevemos a sair do Mediterrâneo, se nos orgulhávamos de ser as fundadoras de Cartago e Gades como poderíamos acreditar na divindade da pobreza?"

"Foi junto de nós que Jesus curou a

Antioquia e, de todas as nossas grandezas, não ficou pedra sobre pedra!"

Laodiceia disse: "Eis aqui os arcos soberbos do meu vasto anfiteatro, os meus derruídos palácios transformados em covas profundas e fôlregas em que



# VIDA ELEGANTE

## Festas de caridade

### No SÃO LUIZ CINE

A favor da benemérita instituição Oficinas de S. José, realiza-se na tarde do dia 4 do corrente, no São Luiz Cine, uma interessante festa de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, cujo programa será composto de uma parte de cinema em que se fará reprise de uma sensacional película, e outra de variedades, sendo esta última formada pela representação em «travesti», a peça em um acto «A ceia das sogras», desempenhada por D. Lopo de Bragança (Lafões), Gui Vale Flôr de Brito Chaves e Carlos Espírito Santo de Melo.

Pelo extraordinário interesse que esta festa está despertando é de prever que o São Luiz Cine, seja nessa tarde elegantemente concorrido.

### No PARIS

Com um fim verdadeiramente altruista, realiza-se na tarde do dia 4 do corrente, no cinema Paris, à rua Domingos Sequeira, uma festa de caridade, que constará de um sensacional programa de cinema, sendo a comissão organizadora formada pelas seguintes senhoras da nossa primeira sociedade: D. Alice Bettencourt Teotónio Pereira, D. Branca Machado de Carvalho Figueira, D. Ilda Nunes Coelho Pery da Linde, D. Margarida Seabra de Oliveira, D. Maria Adelaide Barbosa de Guimarães Serodio (Sabrosa), D. Maria Amélia Teixeira Bastos, D. Maria Antónia de Sá Nogueira, D. Maria Júlia Pellen de Campos de Andrade, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrêlo, D. Maria da Piedade Lobato de Melo, D. Maria Tereza Perestrêlo d'Orey, e D. Maria Tereza Valente Salmela Garção.

Pelo grande número de bilhetes passados e de pervers que a tarde de quarta-feira 4 do corrente, no Cinema Paris, seja elegantemente concorrida.

### No CLUB TAURAMAQUICO

Com uma enorme e selecta concorrência, effectou-se na tarde de 19 de Dezembro, último, nos belos salões do Club Tauromáquico, à rua Ivens, gentilmente cedidos pela direcção dessa aristocrática agremiação, um «chá Mah Jong» de caridade, levado a effecto por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte as seguintes: D. Alice de Sousa Melo, D. Ali Maury de Melo, D. Ana de Lima Mayer de Carvalho, D. Beatriz Benjamim Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Beatriz de Mendonça, D. Clarisse Lomelino Guimarães, D. Clarisse Ramos, Condessa de Murça, D. Francisca da Camara Pinto Basto, D. Helena Mauperrin Santos Ferrão de Castelo Branco, D. Isabel de Melo de Almada e Lencastre, D. Maria Aguiar de Andrade Roque de Pinho, D. Maria do Carmo Contreiras Machado, D. Maria do Carmo da Cunha Corrêa de Sampaio, D. Maria Eugénia Corrêa de Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Helena de Almada e Lencastre Teles da Silva, D. Maria Izabel Brazão de Sommer, D. Maria Isabel d'Orey Corrêa de Sampaio, D. Maria Isabel de Sousa Rego de Campos Henriques, D. Maria João Zarco da Camara de Bianchi, D. Maria José de Barros da Costa Belmarço, D. Maria José da Cunha Almada, D. Maria da Luz da Camara d'Orey, D. Maria Marim Guedes, D. Mercês de Bianchi Plantier, D. Octávia Stomp Martins Pereira, Viscondessa de Almeida Garrett, e Viscondessa de Atouguia, cujo produto se destinava a favor da benemérita instituição Casa de Protecção e Amparo de Santo António.

Além de partidas de «Mah-jong», houve também mesas de «Bridge» e de «Bluff», tendo-se por ocasião do «chá», sido feita a rifa de vários objectos oferecidos pela comissão organizadora.

O aspecto dos vastos salões do Clube Tauromáquico, nessa tarde era verdadeiramente encantador, vendo-se ali reunido tudo que melhor conta a nossa primeira sociedade, vendo-se tam-

bém grande número de senhoras da colónia espanhola que actualmente residem no nosso país.

A comissão organizadora decerto deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos tanto financeira, como mundana.

### No CONDES

Na tarde de sábado 17, realizou-se no Cinema Condes, uma festa de caridade promovida por uma comissão de senhoras da colónia espanhola e da nossa primeira sociedade, cujo produto se destinava a benefícios de «Frentes e hospitales» sob a presidência da esposa do ilustre Embaixador de Espanha, em Portugal, e da qual faziam parte D. Carmen Burnay de Vilhena, delegada de «Frentes e hospitales», Duquesa de Maura, Marquesa de Miraflores, Marquesa de Claramunt, Marquesa de Faial, Condessa de Jimenez e Molina, Viscondessa de Sacavem, D. Rosária de Ranero, D. Mercedes de Ocamp, D. Eulália Salles de Sande e Castro, e D. Clara Lauret, a qual constou de um interessante sarau de arte, cujo programa abriu por um documentário espanhol, intitulado «10 minutos em Espanha», seguindo-se uma fita com apontamentos da Guerra de Espanha. Seguiu-se um magnífico concerto de piano, pelo notavel pianista espanhol José Cubillas, que executou várias obras dos mais cotados compositores espanhóis, terminando por um «tado» de Rey Colaço, fechando o programa um brilhante discurso por D. José Maria Peman, que mais uma vez eletrizou a selecta assistência, que enchia por completo a vasta sala do Cinema Condes, com a encantadora forma e bem timbrada voz.

Na assistência que, como dissemos enchia por completo o vasto salão recorda-nos de ter visto entre outras as seguintes senhoras:

Senhora de D. Nicolau Franco, Baronesa de Hoyninggen-Huene, Duquesa de Medina-Sidónia, Marquesa de Mira Flores, Marquesa de Faial, Marquesa de Claramunt, Marquesa de Tancos, Condessa de Jimenez e Molina, Condessa de Proença-a-Velha, Condessa de Taboera, Condessa de São Tiago, Condessa de Arge, Condessa de Monte Real, Condessa do Povo, Condessa da Torre, Condessa de Castro Marim, Condessa de Fornos de Algodres, Condessa de Vale de Reis, Condessa de Pinhel, Viscondessa de Sacavem, Viscondessa de Almeida Garrett, D. Rosário de Ranero, D. Branca de Atouguia Pinto Basto, D. Leonor Pinto Leite de Melo Breynier, D. Maria de Oliveira Reis, D. Carmen Burnay de Vilhena, D. Eulália Salles de Sande e Castro, D. Mercedes de Ocamp, D. Carmen Morales de Los Rios de Castro, D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich e filha, D. Maria Pery de Linde Peixoto e Cunha, D. Luísa Cabral Metelo Pinto Barreiros, D. Elisa Baptista de Sousa (Carnaxide), D. Angela Carvajal Teles da Silva, D. Maria Pellen de Campos de Andrade e filha, D. Natália Munós y Puig, D. Maria Tereza de Lima Mayer de Magalhães, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Maria do Carmo da Camara de Noronha Husum, D. Maria Adelaide

Castro Pereira Balsemão, D. Maria de Meira e filha, D. Ana Maria de Barros da Costa Moraes, D. Sofia Baerlein de Castel-Branco, D. Luísa de Sá Pais do Amaral (Anadia), D. Maria Amélia Satrio Pires de Sequeira Braga, D. Maria de Lourdes Amaral Leitão, D. Maltude de Castro Eça de Queirós e filha, D. Maria Natália Dilog da Silva dos Reis Torgal, D. Arcelina Valente Moreira (Taboera), Senhora de Bafdasano, D. Emília de Gouri, senhora de Cateles, D. Júlia Saro, D. Clotilde Sobreira, D. Joana de Junqueira, D. Maria Antónia e D. Maria Claudia Ramada Curto, D. Catarina Rocha Pinto, D. Isabel Maria de Melo Breynier (Mafra), D. Maria José de Castelo Branco, D. Maria Teresa e D. Maria de Melo Breynier Pinto da Cunha, D. Maria Domingas e D. Maria Teresa da Gama Beirão, D. Eugénia Valente Moreira Teles da Silva (Tarouca), D. Helena Varela God, D. Maria Guineá, D. Maria Isabel de Sommer, D. Patricio Lane, D. Luísa de Sommer, D. Maria de Carvalho, D. Palmira de Sommer, D. Elisa Botelho Leitão, D. Maria Teresa Burnay de Verdã (Mafros), D. Susana Andrea da Costa, D. Luísa e D. Maria Vicente Reimes, D. Monserrat Coronas, D. Maria Oliveira Cedas, etc, etc.

## Casamentos

Na paróquia de Santa Isabel, celebrou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Izilda Caciolinda Pires Justino, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Isaura Pires Justino e do sr. José Justino, já falecido, com o sr. Carlos Henriques Couceiro Feio, inspector de produção da Companhia Portugal Previdente, filho da sr.<sup>a</sup> D. Laurinda Martins Couceiro Feio e do sr. Mário Couceiro Feio. Serviram de madrinhas, a mãe e a tia do noivo sr.<sup>a</sup> D. Clarisse Martins Couceiro Feio, e de padrinhos o pai e o tio da noiva sr. Gilberto Couceiro Feio. Presidiu ao acto o capelão da sr.<sup>a</sup> Condessa da Foz, reverendo António Patoleia, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Celebrou-se na paróquia dos Martires, presidido pelo prior da freguesia, reverendo Cónego António Joaquim Alberto, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria de Lourdes Aldim Cardoso de Mendonça, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Irene Aldim Cardoso de Mendonça e do nosso querido amigo sr. Henrique Cardoso de Mendonça, com o distinto engenheiro silvicultor sr. Luís de Seabra, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Augusta dos Santos Viegas de Seabra e do ilustre professor da Universidade de Coimbra, sr. dr. Antero Frederico de Seabra. Foram madrinhas a tia paterna da noiva sr.<sup>a</sup> D. Maria Alice Cardoso de Mendonça Santos, e a mãe do noivo, e de padrinho o tio paterno da noiva sr. visconde de Silveiras e o pai do noivo.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à rua dos Industriais, um finíssimo lanche, da pastelaria «Marques», partindo os noivos aquém foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para o norte, onde foram passar a lua de mel, seguindo depois para a sua casa em Alcobaça, onde fixam residência.

D. NUNO.



Casamento da sr.<sup>a</sup> D. Izilda Caciolinda Pires Martins, com o sr. Carlos Henriques Couceiro Feio, celebrado na paróquia de Santa Isabel. Os noivos e convidados. — (Fot. Serra Ribeiro).

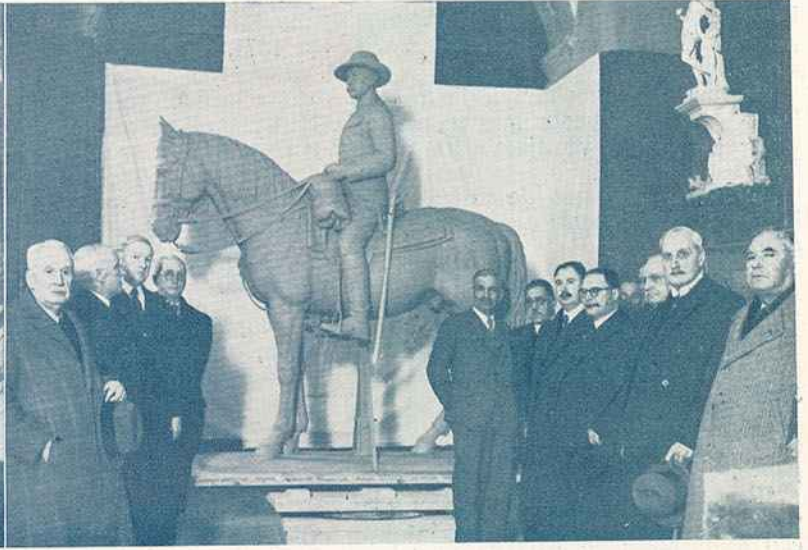
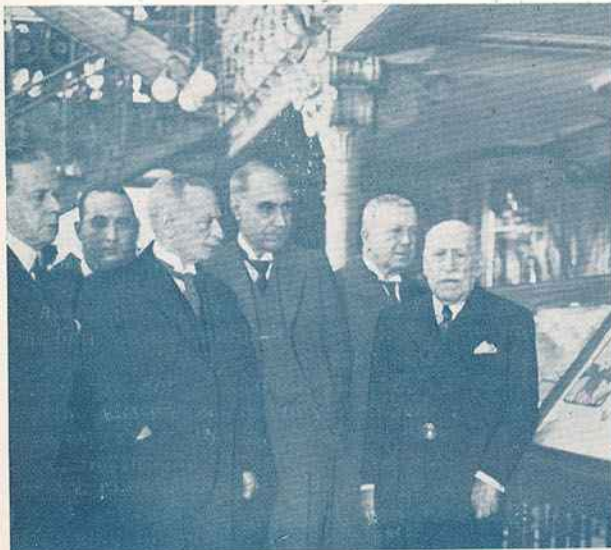
# FIGURAS E FACTOS



O monumento aos soldados portugueses mortos na Guerra, em Boulogne-sur-Mer, inaugurado há dias com grande solenidade. — Foto José d'Almeida Santos



Um aspecto da homenagem a Afonso de Albuquerque na Sociedade de Geografia, onde os srs. Cirilo Damião e Nuno Cunha Gonçalves proferiram discursos evocativos sobre o glorioso conquistador das Índias



O sr. Presidente da República visitando a exposição de trabalhos de alunos das escolas das Colónias e do Brasil, na Sociedade de Geografia. — A' direita: Os srs. Ministros das Colónias e da Educação Nacional com outras individualidades, visitando a estátua de Mousinho de Albuquerque, trabalho do escultor Simões de Almeida



Angelo Pereira, o infatigável investigador, acaba de publicar mais um trabalho sobre a *Estátua equestre de D. José*, que um padre jesuíta do tempo de Pombal escreveu, e o autor das *Senhoras Infantas Filhas de Dom João VI* prefaciou e anotou criteriosamente, como sempre



O *Vinho de Colares* é delicioso, mas passa a saber melhor ainda após a leitura do magnífico trabalho que Raul Esteves dos Santos acaba de publicar, historiando e documentando primorosamente as origens e expansão do precioso nectar que tem hoje fama verdadeiramente mundial



Silva Tavares — o poeta querido das multidões — publicou um novo livro de quadras encantadoras que intitulou *Vá de Roda*. Tercer elogios aos versos de Silva Tavares? Para quê, se o povo é que os consagrou decorando-os e cantando-os? Bastará dizer que apareceu mais um livro de Silva Tavares para se calcular logo que novos e belos versos brotarão do manancial inexaurível daquela irrequieta inspiração, marcando um novo acontecimento literário

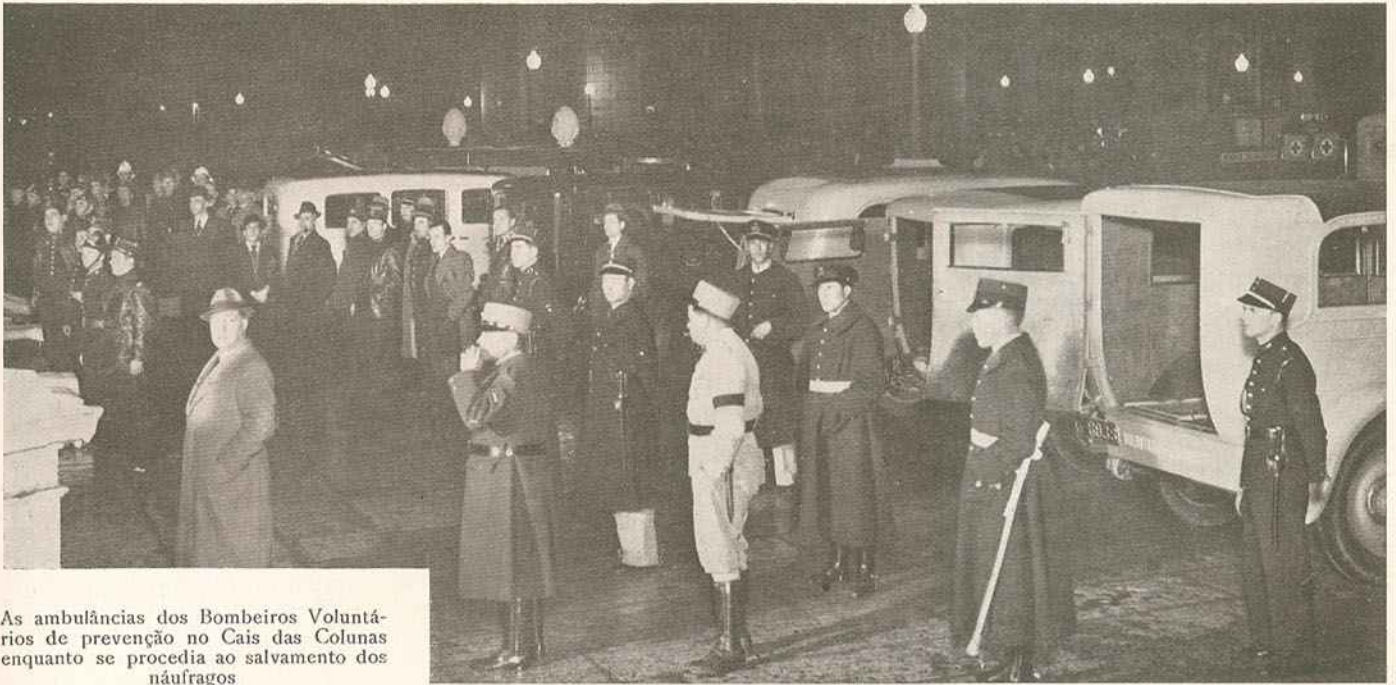


Júlio Silva, o pintor de talento que há muito admiramos realizou uma Exposição de Pintura na Sociedade Nacional de Belas Artes, que causou sensação. O ilustre artista viu compensado o seu esforço pelos gerais aplausos de que foi alvo

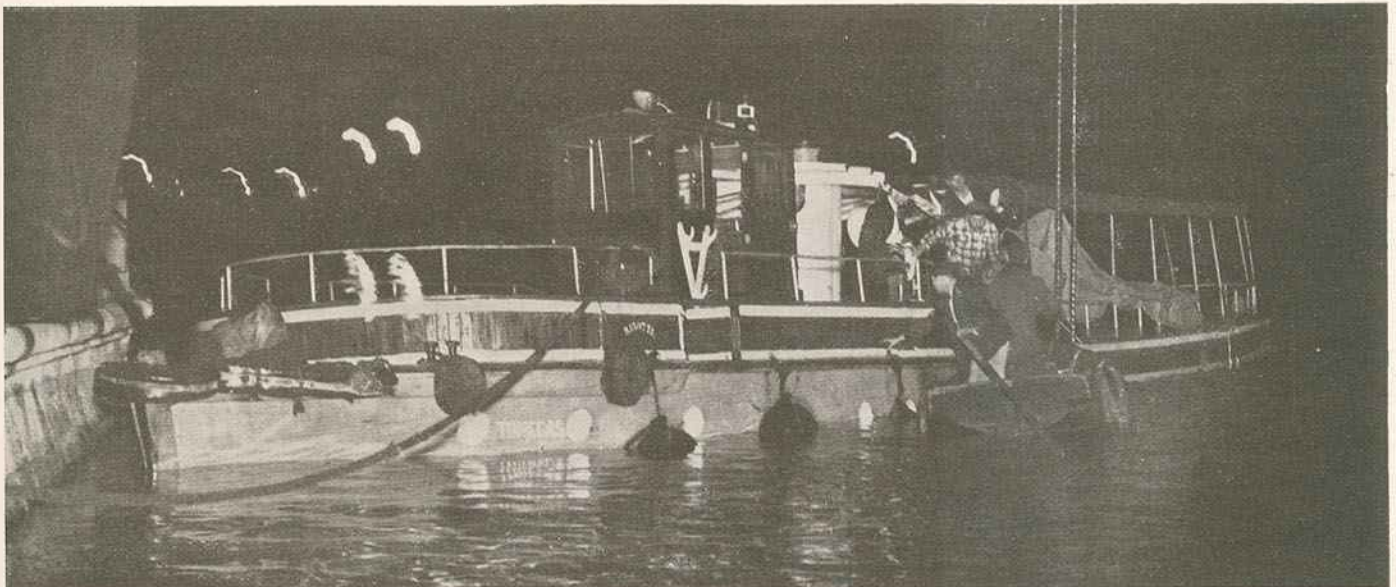
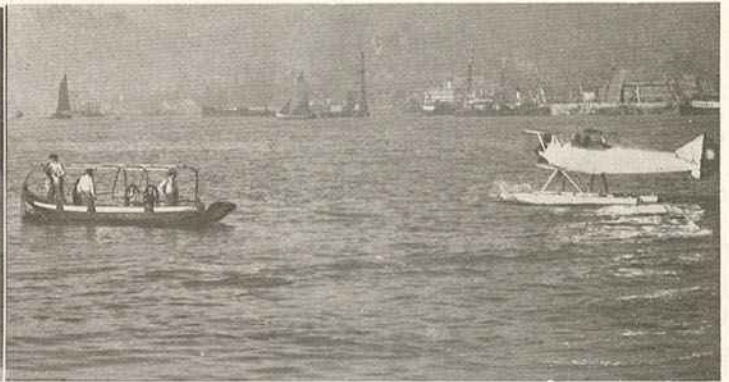




# O NAUFRÁGIO DA LANCHÇA "TONECAS"



As ambulâncias dos Bombeiros Voluntários de prevenção no Cais das Colunas enquanto se procedia ao salvamento dos naufragos



Ao centro: A tripulação da draga «Finalmarina» que meteu no fundo a lancha «Tonecas», e que conseguiu salvar sete naufragos. — A' direita: O hidro 7 da Aviação Naval próximo dos mergulhadores. — Em baixo: A lancha «Tonecas» depois de ter sido posta a flutuar, tendo sido encontrado o cadáver do marinheiro António Germano agarrado aoleme







Aquilino Ribeiro

Um livro de Aquilino Ribeiro é sempre um acontecimento literário que o público fixa com devoção, citando páginas que são das mais belas da literatura portuguesa.

Vai-se por esse país fora, e até nos pontos mais remotos, onde parece não ter entrado ainda a luz bendita da Cartilha Maternal de João de Deus, ouvimos citar a obra de Aquilino Ribeiro.

— Oh! aquele "galo da Rita Seixmas, aquele churro galaroz com esporões de guerra e polainas de montador, crista em serrilha, e uma face branca, glabra, acima duns barbúhões tão compridos e vermelhos que parecia andar sempre a rir-se do mundo, o mariola..."

E o povo sabe de cóp páginas inteiras do tão fecundo quão genial escritor, sejam do Andam faunos pelos bosques, sejam das Terras do Demo ou de tantas outras que a sua pena primorosa e infatigável produziu e produzirá.

Vai aparecer outro livro—Mónica—em que Aquilino Ribeiro nos delicia com o seu empolgante talento de romancista e nos instrui com a sua profunda erudição. Eis um trecho dessa nova obra prima que o maravilhoso cinzelador da Estrada de Santiago acaba de publicar:

O senhor Alfonso Ruas mandou pôr o rocking-chair na sala em que Fräulein erigira a sua cátedra e quando as duas apareceram com livros e cadernos já ele lá estava, meditabundo, a História Universal dos Terremotos fechada sobre o dedo em guisa de registo. E foi de mente prazenteira que se preparou para assistir à lição da filha. Era esse um dos seus regalos, tanto monta que a matéria do dia fôsse línguas, literatura ou até música. Noventa e nove vezes por

cento ficava sem perceber patavina, mas embora, contentava-se com o cantarolar da voz juvenil, os gestos e as atitudes duma representação de todo nova para ele que não conhecera mestre nem mestra. E uma conclusão êle atingia, mais facilmente que a acertar os juros duma letra: a miúda era afinada como coral; podia agradecer à Virgem Santa Catarina a boa memória que tinha, e não era dêle, sem dúvida nenhum asno, havendo, todavia, coisas que nem à picareta lhe entravam no entendimento, mas muito menos da mãe, essa, uma autenticíssima cabeça de jericá. As duas por três, dava sota e az à mestra. Lá estavam elas pegadas...

— Brekekekex, coax, coax, que quer dizer então, Monichen? — interrogava Fräulein, venta no ar, em posição de batalha.

— As Rãs obedeciam a um propósito manifesto: fazer a apologia de Êsquilo em desprimor de Eurípedes, cuja memória ia num crescendo de admiração entre os atenienses... — pronunciou Mónica em tom de recitativo.

— Está bem, mas que significa o brekekekex, coax, coax? — tornou a mestra, interrompendo-a.

Mónica quedou um instante perplexa, como se houvesse perdido o rumo, e rompeu adiante com desopressiva e cantante articulação:

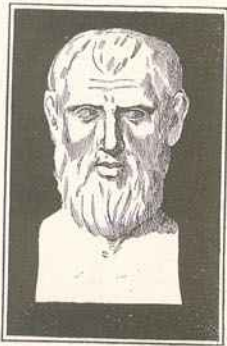
— Puh, em meu juízo, não deve querer dizer nada. Vozes ao vento.

— Ora essa!

— Pois que poderá significar...? As rãs da lagoa Estigia entoam o seu brekekekex, coax, coax, pelo mesmo motivo por que as velhas nos soalheiros da Grécia fiam na roca; é êsse o seu papel ou assim o entendem.

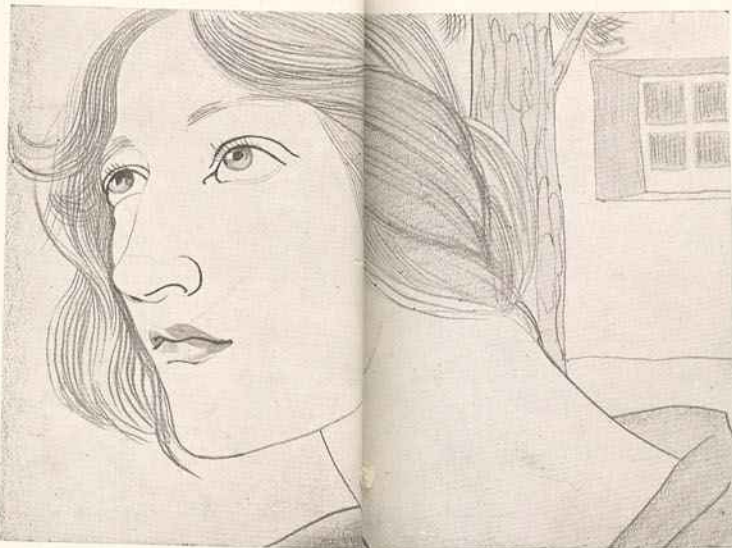
A alemã abria muito os olhos espantada com aqueles conceitos. Mónica tornou, a cabeça baixa, como se procurasse o fio do discurso:

— Sem dúvida que o berreiro das rãs pode ser interpretado como uma sátira de Aristófanes aos filósofos, políticos e oradores que levam a vida a rufar seu tambor de charlatães; mas não será mais acertado admitir que se trata simplesmente dum episódio ocasional, dum certo efeito cénico, no caminho de Baco para os infernos?



Aristófanes

# MÓNICA



— Sehr gut, sehr gut! — exclamou a mestra quebrando resolutamente o seu assombro. — E que pretendeu o dramaturgo demonstrar com a sua peça?

— Há uma tese. Quem tem mais direitos ao ceiro da tragédia, Êsquilo ou Eurípedes? Êsquilo pôe em cena as grandes e extraordinárias paixões; as almas dos seus heróis, para empregar a sua expressão, estão couraçadas por sete peles de boi; as suas personagens são tôdas de sangue real; vestem púrpura; falam a linguagem pomposa, phlattohratophlattohrat, chasqueia o seu rival, sempre com palavras de casco arifúlgido e cocar ao vento; o seu propósito é ensinar o culto das virtudes guerreiras e os seus dramas estão do princípio ao fim imbuidos do espírito de Marte. Não sabe o que é a humildade, a simpatia humana, o amor. — Mulheres enamoradas em cena ninguém mas vê! — exclama êle com jactanciosa firmeza. — Sim, responde-lhe Eurípedes, tu nunca conheste Vénus. Fräulein não respirava sequer, boquiaberta, olhos assestados sobre a discipula.

— Eurípedes nasceu de facto duma deusa ordinária; a sua musa, porém, é mais que a tangedora de castanholas de que escarnece o émulo. As suas dramatis personae são tôda a patuleia menor da Grécia, gladiadores, mendigos, gramáticos, soldados, escravos, a multidão numa palavra. Falam a língua que lhes é trivial; as mulheres praticam as virtudes e vícios de tôdas as mulheres; tanto

— Se Êsquilo — voltou ela com desplante e fluência como nas lições melhor papagueadas — é o poeta das paixões extraordinárias, e todos estão de acórdio, Eurípedes é o dramaturgo que mais fundo levou o espéculo aos abismos do ser humano. Que haja na sua obra Fedras e Stenobeas, más mulheres, não é ainda uma lealdade do seu realismo?

— Schlecht! Êsquilo é grande como um deus e puro como um diamante. A sua arte respira nobreza moral e o tom dos seus diálogos raramente deixa a região do sublime. Eurípedes, pelo contrário, a par de Iligénia e Macária, encantadoras, pinta-nos com requinte os piores patifes e facinoras. Schlecht!

— Eurípedes — tornou ela com vivacidade — é um escritor do nosso tempo. Não é arauto de virtudes, está dito, mas quem como êle sabe apresentar sob forma mais viva e empolgante as seduções do desejo, a tontaria dos sentidos, a ebridade da ventura seguida de arrependimento e desespero? Por isso o consideramos actual, vivo, enquanto Êsquilo não passa duma divindade embalsamada.

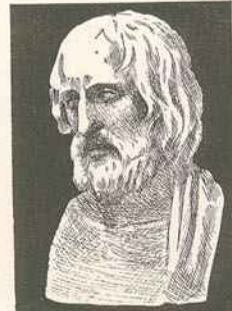
— Oh, é o cúmulo! Onde leu isso, Monichen...? No seu livro, não, que é uma edição expurgada, corrigida das obscenidades tão correntes em Aristófanes, própria para meninos e meninas. Onde leu? Isso não saíu da sua cabeça... Ná! Deixe ver que publicações são essas...

Fräulein Rottenberg, que afinal acabara por desconfiar daquela facilidade dialéctica, ergueu-se da cadeira e demoliu a pilha de livros que Mónica tinha à sua direita: Pierron, Gustav Karpeles; o Lys Route; as Novelas Exemplares... Não, ali não estava a fonte do escândalo. E na pasta...? Não tinha nada na pasta?

Mónica corou e a sua vermelhidão não escapou aos olhos de Fräulein, cusculheira e investigadora por índole e raça.

— Deixe ver...

Com desconchavada sem-cerimónia traveu da pasta, ergueu-a de alto, bôca para baixo como se faz aos afogados a fim de deitarem a água que beberam. Caíu um Musset na sua encadernação deliciosa de marroquim do Levante, um estojo de dama, um pulidor de tartaruga para as unhas, retratos, uma aluvião de revistas: Oiseau bleu, Barca do Inferno, Jugend...



Eurípedes

vestem farrapos como clámide nova; amam e odeiam à semelhança da mais gente de carne e osso e não dos semi-deuses; a vida que agita é aquilo mesmo, sem disfarce e sem preferências, que pululava nas alfurjas de Atenas e não somente no Kydathenaion ou na imaginação dos poetas. A farsa de Aristófanes, cheia de parcialidade, procurava elevar Êsquilo acima de Eurípedes e proclamar a sua realza. E nada mais inconsistente. O que surge é a superioridade de Eurípedes, realista, permeável ao meio, óptimo realizador de histórias ao vivo, sobre Êsquilo, o gigantesco movimentador de almas imensas, ou como se diria com menos respeito, o genial bolas-de-elástico.

— Schlecht! — bramiu Fräulein Rottenberg erguendo-se com ar de Minerva ofendida, as faces cobertas de rubor, leve espuma ao canto dos lábios. — Que reversão é essa, Monichen...? Preferir Êsquilo, um eupátrido, o autor da maior trilogia que nos legou a antiguidade clássica, essa divina Orísta, ao autor duma obra charra e plebeia de verrina e de pústula, filho duma regateira?... Schlecht, schlecht! O seu livro não diz isso!...

— Por acaso não está bem? Peço perdão, Fräulein, mas já lhe ouvi dizer que a arte não tem que apresentar certificado de origem. Também lhe ouvi, se não estou em êrro, que não tem sexo e que quanto mais universal mais resiste ao tempo...

— Sim, mas o seu livro que diz?

Na praia-mar de papel impresso gritou uma parangona: As Rãs de Aristófanes.

— Cá está! Lá me parecia que isso não era lição tirada da sua cabeça, mas sim trecho decorado de fio a pavio! Lá me parecia, ah! — exclamava ela radiante, a Barca do Inferno em riste.

E rompeu a ler com sofreguidão: "As Rãs obedeciam a um propósito manifesto: fazer a apologia de Êsquilo em desprimor de Eurípedes, cuja memória ia num crescendo de devoção entre os atenienses. E nunca obra de crítica conseguiu resultado mais lisonjeiro ao invés do que buscava. A sátira contra o autor da Medeia redonda em luminosa defesa. O que para o sentimento grego representado, digamos, por Aristófanes, era defeito, para a tendência do espírito moderno é virtude cardinal. O seu populismo, os seus estudos das almas simples e grosseiras, a sua vis pelo vulgar e a observação da vida em seus prismas morais ou materiais constituem precisamente as qualidades que nós hoje, que não ajoelhamos diante de deuses nem de príncipes de sangue, mais apreciamos. As rãs da lagoa Estigia entoam o seu brekekekex, coax, coax, pelo mesmo motivo porque as velhas nos soalheiros da Grécia fiam na roca. Tem alguma significação...? Em meu juízo, não deve querer dizer nada... Vozes ao vento."

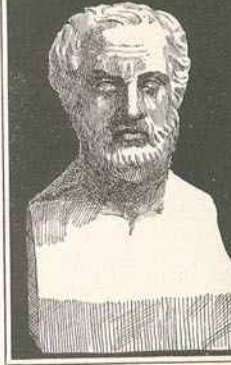
Edificada, Fräulein não julgou necessário ir mais longe e jogou a revista fora com náusea!

— Schlecht! Bem me estava a parecer. D'ora-avante, Mónica, quero que me consulte acerca das suas leituras. Ouviu? Revistas, livros, quero ver tudo antes. Ah, quem é o autor do artigo...? Deixe ver...

Pegou outra vez do número da Barca do Inferno que Mónica tinha dobrado e arruinara à banda. Foi ao fundo da página e proferiu em tom de pasmo:

— Ricardo Tavarede. É o Dr. Ricardo o autor desta monstruosidade? Um homem tão distinto... um espírito que se me afigurava tão discreto! Incrível!... Está dito: daqui para o futuro as suas leituras passam pela mesa censória. Mas, que mania foi essa: decorar o Dr. Tavarede!? Vamos à lição de alemão...

Alfonso Ruas seguiu com intensa curiosidade, consoante lhe permitiam as suas poucas luzes, aquela tempestade num copo de água. No fundo pareceu-lhe que Ricardo Tavarede, ou Mónica em seu lugar, não era de todo destituído de bom senso. Mas em suma era grego tudo para êle... A propósito: para onde se sumira o gentil amigo e seu advogado?



Êsquilo



Rei Faruk do Egipto

**H**AVIA um príncipe que tinha quatro irmãs, todas elas muito lindas com as quais, segundo os costumes da terra, ele raramente se encontrava ou brincava, e ainda muito menos brincava com Sasi, a amiga e companheira de brinquedos das irmãs, filha de uma dama da corte.

Desde os quatro anos que o haviam separado das princesas e o haviam entregue aos cuidados de uma senhora inglesa de muito boas maneiras, viuva de um almirante da esquadra britânica. Durante doze anos viveu o príncipe sob a direcção da boa senhora, que se orgulhava em ter feito dele "o rapaz mais bem educado do mundo", e era esta a opinião unânime, que dele fazia quem dele se acervava. Ao completar os seus quinze anos, decidiram os pais mandá-lo para a Inglaterra a fim de completar a sua educação.

O parlamento votou a soma de 16.000 libras para custear as despesas dos primeiros anos de permanência do príncipe no estrangeiro e este foi alojado em casa de uma família inglesa, que vivia em uma pequena cidade no vizinho condado de Surrey, no sul da Inglaterra. Em pouco tempo conquistou a simpatia e amizade, não só dos que o cercavam de perto, mas ainda de lojistas e outra gente da terra, que lhe gostava de frequentar.

Chamavam-lhe o "Príncipe Teddy" e ele de olhos azuis, tez clara e maneiras britânicas, pouca diferença fazia de outros rapazes ingleses da sua idade. Era já relativamente instruído e era a matemática que constituía o seu estudo predilecto.

Os seus estudos orientais, só um preveia, constituído pelo seu "provador", a quem cabia a missão de provar os alimentos servidos ao príncipe, antes de ele ter ingerido algum.

Este dignitário da corte era um farmacêutico inglês, devidamente diplomado, que, desde o Cairo, acompanhava o

príncipe e que cumpria as suas funções com fidelidade.

Numa manhã de inverno, enquanto Faruk, que assim se chamava este príncipe do Egipto, trabalhava num canto do parque, nas suas matemáticas e nos seus estudos shakespearianos, de que muito gostava, surgiram repentinamente à sua frente oito elegantes figuras femininas, que haviam saltado de vários automóveis e que o vinham interromper nos seus estudos tão dilectos. Era a mãe, as quatro irmãs e umas amigas destas, desejosas de verem o príncipe, entregue aos seus estudos tão dilectos e de visitarem a sua nova instalação. Entre as amigas curiosas, encontrava-se a linda Sasi Naz Zulficar, a companheira de brinquedos das princesas, agora uma bela rapariga de 16 anos, desenvolvida e desenhada pelo seu amor ao desporto. Faruk não voltara a vê-la desde que completara 12 anos, e a sua beleza deslumbrou-o.

Durante os dias que esta visita durou, Faruk fez a corte a Sasi com tal entusiasmo, que a mãe julgou prudente abreviar a visita e partir para São Maurício, com toda a comitiva.

Mas, ao cabo de três dias em São Maurício, no chá dançante do Palace Hotel, foi grande a surpresa das senhoras, ao depararem repentinamente com o príncipe. Abandonara a Inglaterra na antevéspera e, com um adorável sorriso infantil, declarou que não pudera resistir ao desejo imperioso de mais uma vez se despedir de sua mãe e ainda antes da rainha se libertar da sua surpresa, já ele arrebatara Sasi e a envolvia nas voluptuosas voltas de uma valsa vienense.

A este encantador chá dançante seguiram-se duas semanas de encantador convívio entre a linda Sasi e o lindo Faruk, cujas feições perfeitas o leitor conhece das reproduções em jornais e no cinema.

O idílio, que havia mais tarde, de terminar à sombra das assombrosas pirâmides do Egipto, continuou em voltas vertiginosas sobre o gelo ou pelas aleas frondosas do bosque.

A rainha Nazli e a senhora Zulficar, sua amiga e companheira, faziam-se desapercebidas, e no fim do mês de Janeiro, Faruk sózinho voltou para Surrey, para de novo se entregar às suas matemáticas e aos seus estudos shakespearianos.

Pouco tempo depois solicitou do rei Eduardo VIII da Grã-Bretanha uma audiência que este concedeu facilmente.

Destá audiência nasceu uma grande



Túmulo dos califas no Cairo

## SOB A PROTECÇÃO DA MISTERIOSA ESFINGE Era uma vez um príncipe formoso chamado Faruk e uma princezinha chamada Sazi Naz

simpatia do rei pelo príncipe, sobretudo quando este declarou que amava e tentava desposar uma donzela, em cujas veias não corria o sangue da realeza. O rei lembrou-se que se encontrava em situação idêntica à daquele rapazinho imberbe e a miúdo o convidava para o seu palácio de Belvédère, onde o jovem príncipe, com a sua jovialidade, franqueza e maneiras leais conquistava as simpatias.

No mês de Abril de 1936 faleceu o rei Fuad do Egipto e, antes de embarcar em Dover, com destino ao seu país, Faruk teve com o rei da Grã-Bretanha uma larga audiência e uma despedida afectuosa.

O rei Fuad, antes de ascender ao trono do Egipto, havia feito os seus estudos em Itália, cujas Universidades frequentou, e, proclamado rei, protegeu e promoveu os estudos universitários do seu país, reformando muito as universidades e animou altamente as investigações arqueológicas do país. Devido à sua influência muitos estudantes foram subsidiados para seguirem os seus estudos nas Universidades da Europa. Era um rei instruído que deu

largo incremento aos estudos da egiptologia, a que se dedicaram muitos sábios da Europa e da América, que encontravam sempre o melhor acolhimento pelo rei Fuad. A universidade francesa que mais contribuiu para os estudos da egiptologia foi a universidade de Estrasburgo que, devido à protecção de Fuad, lhe conferiu o grau de doutor *honoris causa*. Por uma coincidência interessante para nós, esta universidade conferia o mesmo grau ao nosso compatriota professor Amzalak na mesma sessão em que conferiu aquele grau ao rei Fuad.

A convivência do príncipe Faruk com o soberano da Grã-Bretanha teve grande influência no espírito do futuro rei do Egipto, como ele demonstrou nos primeiros meses do seu reinado e na escolha da futura rainha, a amada Sasi.

No começo do seu reinado, Faruk rezeou que os parentes se opuzessem aos seus planos de casamento e esperou o momento em que estes se haviam retirado para a residência de verão, o castelo Montaza a 50 quilómetros de Alexandria, e, num lindo dia de Julho de 1936, saltou para o seu automóvel, dirigiu-se à residência da mãe de Sasi e fez o pedido de casamento. Daí partiu para o castelo de Montaza a 100 quilómetros de distância para dar parte da sua decisão. Quando ali chegou já a notícia tinha sido comunicada pelo telefone e, contra

a expectativa de Faruk, fôra bem recebida, e até com entusiasmo. As irmãs estavam radiantes e a mãe já se puzera em comunicação com Jossif Bey Zulficar, pai da noiva, que imediatamente partiu de avião de Port-Said, onde se encontrava, para o castelo de Montaza.

A chegada d'este, houve reunião do gabinete perante o qual o rei declarou qual era a sua intenção, declaração que encontrou a aprovação unânime dos seus ministros. Se Sasi Naz não era verdadeiramente de estirpe real, corria no entanto, nas suas veias o sangue de uma antiga família da alta aristocracia, de origem perso-turca. A futura rainha possuía uma perfeita educação europeia; falava francês e inglês sem pronúncia estrangeira e vestia-se pelos últimos modelos de Paris. Para a corôa do Egipto a letra F, traz a felicidade consigo; o rei Fuad atribuía a essa letra um poder sobrenatural e Faruk, em conformidade com os desejos paternos, transformou o nome de Sasi Naz, em Farida; as irmãs chamam-se respectivamente Faizviya, Faiza, Faika e Fathiza e o berço Luís XVI, para o futuro herdeiro da corôa, já está

encimado pela letra F em ouro. A maioria das mulheres do Egipto vive numa meia reclusão, a-pesar-de muitos dos antigos usos do harem terem desaparecido. Faruk instalou a esposa por forma absolutamente europeia; pode aparecer em público sem a tradicional venda sobre o rosto e acompanha o esposo em todos os actos oficiais como rainha, tal como praticam as rainhas da Europa. Estas disposições contrárias aos costumes mahometanos, provocaram, como era de esperar, afincada opposição da parte das autoridades eclesiásticas mas, a-fim-de não ofender as tradições do país, o casamento realizou-se em absoluta conformidade com o ritual mahometano. A cerimónia que, deste par real, acaba de nascer foi também submetida ao ceremonial religioso tradicional. Se fosse do sexo masculino haveria duplos festejos, visto ser esperado no mês de Ramadan. Há 1968 anos Cleopatra, rainha do Egipto, filha única de Ptolomeu, para não figurar no cortejo triunfal do imperador romano Octávio Cesar, como prisioneira de guerra, preferiu a mordedura mortal de uma serpente.

Com a sua morte o Egipto perdeu a sua independência e foi convertido em província romana. No ano 641 da era vulgar foi o país conquistado por Mahomed e em 1914 caiu nas mãos poderosas da Grã-Bretanha, conquistando por fim novamente a sua independência há pouco mais de um ano. A princezinha que veio há dias, ao mundo, filha de

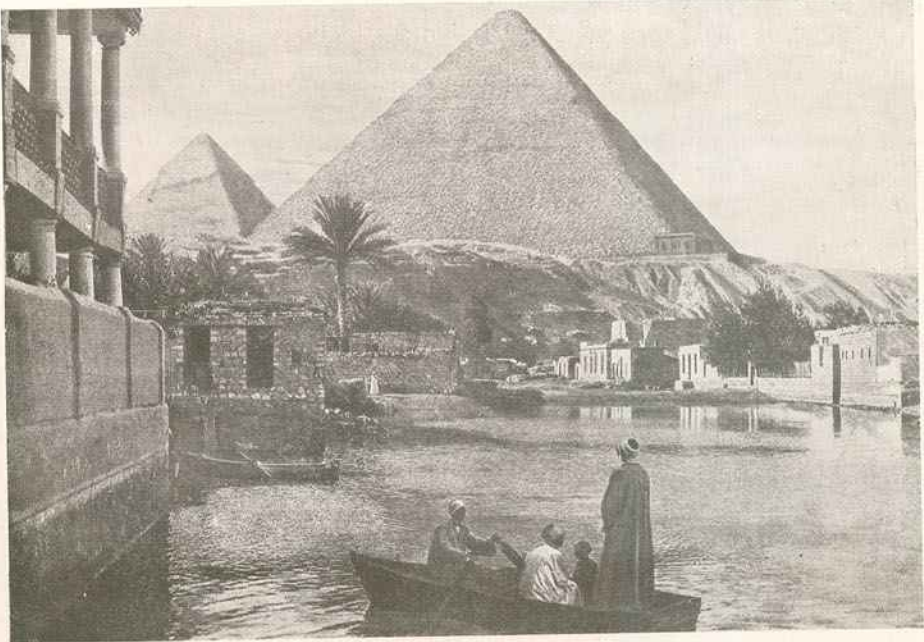


Rainha Farida do Egipto

Faruk e de Sasi Naz, é a primeira herdeira do trono que, há quasi dois mil anos, vê a luz num Egipto independente e feliz.

ADOLFO BENARÚS.

Paisagem egípcia



UMA atriz célebre, em *tournée* pela América do Norte, tentou preaver-se contra os ladrões. Para acautelar um riquíssimo colar de diamantes, meteu-o numa gaveta com êste leitreiro: «Podem levá-lo. E' uma imitação. O verdadeiro tenho-o depositado num banco de Londres».

Quando voltou, o colar tinha sido roubado e no seu lugar êste bilhete: «Muito obrigado pela informação. O ladrão que trabalha nesta área está ausente. Como sou apenas um dos seus mais modestos ajudantes, contento-me com esta imitação».

Um médico ilustre, mas distraído, visita uma doente, boa criatura, mas muito estúpida.

O clínico examina a enferma, aplicou-lhe o termómetro, receita e sai.

No dia seguinte volta. Quando ia para sair diz-lhe a doente:

— O' senhor doutor... Quando é que eu poderei tirar aquê vidrinho que V. Ex.<sup>a</sup> me deixou ontem aqui debaixo do braço?

Uma senhora repreende um filho que embirra com uma criada, por sinal muito gentil.

— Devemos ser amáveis com quem nos serve. Não gostas da Maria?

— Não, mamã — replica o pequeno — o que eu gostava era de lhe beliscar a cara como o papá lhe faz às vezes.

Um rapaz, tendo vivido sempre em Mafra, preparava-se para vir a Lisboa pela primeira vez.

O pai, velho avarento, diz-lhe:

— Se eu te der algum dinheiro para gastares enquanto lá estiveres, prometes não entrar em casas de jogo, nem fazer estroinices!

— Prometo, meu pai.

— Bem, pega lá cinco escudos, e toma muito cuidado.

Entre amigas:

— Fazes lá ideia! O Alfredo é um bandido! Ontem, para o experimentar, disse-lhe que tudo estava acabado entre



Como deseja o cabelo; mais comprido, mais curto?...  
— Mais curto não!... O senhor está enganado!... Eu não sou a minha mulher!!!...



nós, e que eu, para êle, passaria a ser apenas uma irmã...

— E êle?

— Pediu-me logo o carro emprestado para levar outra rapariga a passear...

O pai: — E' tempo de pensar no futuro, meu filho.

O filho: — E' possível, mas não hoje. Como a minha noiva faz anos, tenho de pensar é no presente.

— Dizem que as morenas têm um temperamento mais meigo do que as louras...

— Não me parece... Minha mulher tem sido ambas as coisas, e francamente nunca lhe notei a mais pequena diferença.

O amigo da família para a viuva inconsolável:

— Segundo me consta, o Esteves deixou um bom seguro de vida.

A viuva, por entre lágrimas:

— E' verdade. Resta-me essa consolação. Assim, o meu querido marido vale mais depois de morto do que enquanto foi vivo.

— Qual é a diferença que existe entre o capital e o trabalho?

— Apenas esta: o dinheiro que emprestamos representa capital, e tornar a alcançá-lo representa trabalho.

Numa pensão, a dona da casa pede socorro a um dos hospedes:

— O sr. Silva, acuda aqui...

— O que é? — pergunta o hospede — morreu alguém?

— Não, senhor. E' que anda um rato na dispensa.

— Ora a pouca sorte do rato! Olhe feche-o lá dentro que o desgraçado vem a morrer de fome.

O marido irritadíssimo:

— Outro chapéu novo?! Quando aca-

barás tu com essas compras inúteis, sob o pretexto de serem baratas?

— Descansa, filho — responde a mulher com a maior calma — que êste chapéu não foi nada barato.

Numa mercearia:

— Os três presuntos que comprei há tempos, saíram muito bons.

— Pois ainda tenho uns dez da mesma qualidade.

— Ah, sim? Se me garante que são do mesmo porco, levo mais três.

Entre literatos:

— Sabes que o editor regeitou o poema que o António lhe levou.

— Foi mal feito. O negócio estava quási fechado.

— Sim, mas o António vingou-se cruelmente.

— Como?

— Se te parece! O editor leu o poema todo!...

O juiz para a testemunha:

— Como se chama?

— Isaura Ferreira.

— Idade?

— Trinta e quatro anos.

— Profissão?

— Criada de servir.

— O que sabe?

— Sei o trivial. Cozinhar, lavar, engomar, e alguma coisa de costura.

A velha amiga da família para o bebé:

— Luizinho, se me deres um beijo, dou-te um tostão.

— Mais do que isso me dá a mamã para eu tomar o óleo de figado de bacalhau!



— Ouve, pequeno, viste hoje o meu secretário?  
— Vi, sim stôr... Vi-o antes do papá almoçar, mas depois nunca mais apareceu...

# PARA ALÉM-FRONTEIRAS



Um elefante do Zoo Hagenbeck, de Hamburgo, tirando de um rio um carro blindado durante as últimas manobras militares alemãs



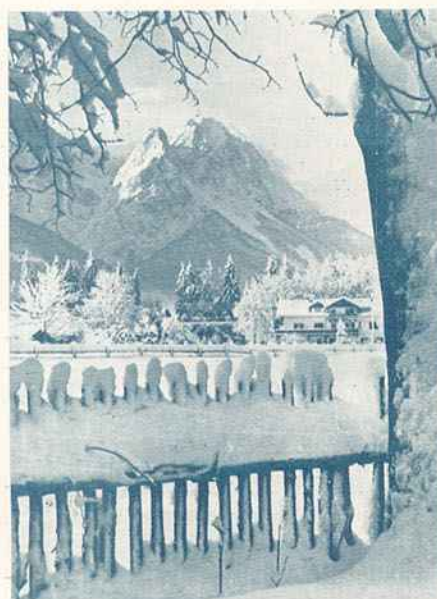
Uma coluna japonesa avançando sobre Hankeu, após um furioso bombardeamento que causou muitos milhares de mortos



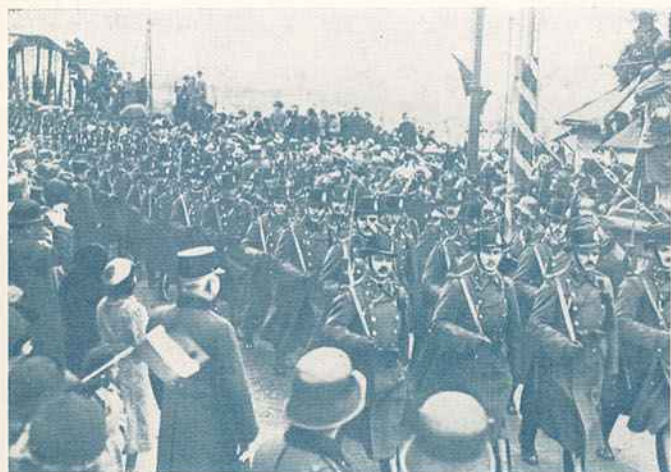
Moda pouco elegante: graças à mica, as senhoras podem agasalhar as pernas sem deixarem de as mostrar



Mr. Bonnet, ministro dos Negócios Estrangeiros da França, e Mr. Ribbentrop, após a assinatura da declaração franco-alemã



Um curioso aspecto das montanhas da Baviera em que a neve produz efeitos verdadeiramente maravilhosos



O desfile das tropas húngaras em Komárom, após a cedência dos territórios que a Checoslováquia acaba de entregar à Hungria



O regente Horthy e sua esposa assistem à cerimónia da posse da cidade histórica de Kassa entregue há dias, pela Checoslováquia à Hungria



Monumento de Almeida Barros

punham cheios de fé e de esperança os olhos em Deus.

Foi assim que descobrimos o Brasil. Foi ainda pelo bandeirote português desbravaram os sertões do novo continente. E foi por último ao serviço da civilização, que realizamos em terras de Santa Cruz a maior obra de colonização que ainda hoje a história regista. Não admira, pois, que sejam sempre fortes e eternos, vencendo a distância longínqua de Portugal ao Brasil, os laços de amizade que unem as duas pátrias irmãs na língua, nos sentimentos e no sangue.

Quem melhor do que os portugueses para sentir a vibranteidade da alma brasileira: a pujança do seu sôco florestal; a energia dum nova raça estante de selva, formidável na obra grandiosa com que está contribuindo para o engrandecimento da civilização!... E também ninguém melhor do que os brasileiros para admirarem de joelhos em terra, a enormidade da epopeia lus tão grande que abarca o mundo e deixa boquiaberto as modernas gerações quando se debruçam sobre a história dum povo que "novos mundos deu ao mundo".

Tem o Brasil maufeito sempre bem viva a chama do amor que dedica a Portugal, impossível deixar de existir quando dois países têm durante mais de três séculos a mesma história, em que os heróis portugueses são, simultaneamente, heróis brasileiros, quando a chama da ciência que brota do cérebro de um génio, se projecta imediatamente no outro lado do Atlântico; quando a língua nacional tem o mesmo valor e igual harmonia cantada à beira do Mondego ou nas margens floridas e poéticas da ilha de Paqueta.

O Rio de Janeiro é uma cidade cheia de monumentos, homenagem a heróis que souberam guindar o Brasil moço ao nível das grandes potências do século xv. E é bem verdade que no momento de prestar tanta justiça, o sentimento brasileiro não se apoia em frente da certidão de idade estrangeira do herói.

Este facto testemunha o alto grau de

# ECOS DE ALÉM-ATLANTICO BRASIL E PORTUGAL

## Três monumentos afirmam no Rio de Janeiro a grandeza da Raça Lusitana

civismo do povo irmão, e é mais uma prova de que a Pátria do Imortal Rui Barbosa não encerra as suas fronteiras a quem se buscar e dentro delas se forar um elemento de progresso e trabalho.

O primeiro português a pisar as terras de Santa Cruz, foi Pedro Álvares Cabral, romeiro dos mares. E logo desfraldou velas e veio, Atlântico acima, alvejar-se dum grande novo, a mais ligeira das caravelas do glorioso almirante. O Brasil descoberto neste momento para a civilização pagou mais tarde, quando mago já senhora dos seus destinos, a dívida de gratidão contraída com o detestado marinheiro. A sua estátua lá está, em frente à formosíssima baía do Guanabara, Cabral de joelho em terra, segura vitorioso a bandeira dos descobrimentos e das conquistas que lhe derá o rei D. Manuel, justamente cognominado o "Venturoso".

Ajá há pouco tempo a sua estátua erguia-se num sítio escombrado da Praça da Ufória, de costas voltadas para o mar. A sua beleza arquitectónica, o conjunto dos marteletes que acompanham, em bronze eterno a imortalidade do famoso



Monumento de Egá de Queiroz

almirante escalabitano, não tinha a projecção requerida. Perto chamavam os "eféctricos... Não havia ambiente apropriado à alta significação da homenagem prestada ao grande descobridor do Brasil. Porém, o actual prefeito do Rio de Janeiro, professor Dr. Henrique Dondozzo desajando reintegrar a estátua de Pedro Álvares Cabral, em cenário mais condigno com a sua homérica façanha, determinou a sua remoção para a margem da formosa Guanabara, em ponto onde as águas atlânticas lhe venham beijar o sopé e de forma que os viajeiros, ao entrarem na linda baía, possam admirar o bloco que representa Cabral, ajoelhado na terra morena da América do Sul!

A estátua do grande marinheiro do rei "venturoso", é para os portugueses e brasileiros que vivem no Rio de Janeiro, uma das mais brilhantes páginas da nossa história comum, e que vencendo o rodar dos séculos afirmará ao mundo a imortalidade da raça lusitana projectado "per omnia secula", no colosso da América do Sul.

Os brasileiros homenageando Pedro Álvares Cabral saldaram uma dívida de gratidão e, continuando a honrar a memória do glorioso marinheiro, dão às gerações vindouras um alto exemplo de civismo.

Portugueses há que todos os domingos vão em romagem histórica junto do monumento do grande almirante e ali sentam aos seus filhos o que represente essa alta figura lusitana, a quem a Pátria deve uma das suas mais belas páginas de glória: o Brasil.

Era imperador do Brasil, o sábio Dom Pedro II, quando Lopez, o ditador do Paraguai, rompeu as hostilidades contra a Argentina, o Uruguai e o Brasil coligados. A um português foi dado o comando da esquadra brasileira que actuava nas águas do Paraguai. Chamava-se Barrosos, natural de Lisboa e tinha a patente de almirante. Na batalha de Riachuelo, a 11 de Junho de 1875, a armada brasileira, sob o seu comando, cobriu-se de glória. Pode dizer-se que esse triunfo decidiu a sorte das armas. O herói de Riachuelo, ao lado de Ta-

marandé, são as figuras mais representativas da armada brasileira. Em paga de tão grandes serviços o Brasil deu a Barrosos honrarias e distinções e a posteridade ergueu-lhe uma estátua perto daquela onde se eterniza em bronze Pedro Álvares Cabral.

O nome de Barrosos foi escolhido para presidir ao "Dia do Marinheiro Brasileiro", e perante o monumento que se ergue na praia do Flamengo, desfilam sempre, na data do aniversário da batalha do Riachuelo, as forças armadas do Rio de Janeiro, numa grande homenagem à memória de quem foi um ilustre português servindo o Brasil.

Egá de Queiroz, também tem um monumento na "Cidade Maravilhosa". O Brasil culto, o Brasil intelectual não podia deixar de prestar a sua homenagem aos mais extraordinários dos romancistas portugueses dos últimos 100 anos. A autor dos "Máias", foi e é querido em terras irmãs. A personalidade de Egá é familiar a todos os brasileiros. A geração com mais de 40 anos conhece de cor algumas das suas mais belas páginas. As figuras eridas pelo génio do imortal escritor são inlitas das que uma vez leram o "Primo Basílio" ou a "Ilustre Casa de Ramires".

Andaram bem os intelectuais brasileiros associados ao grande público em erguer esse simples monumento, página ábera de gratidão a Egá de Queiroz. Quantas vezes decoro de um dia de trabalho exaustivo portugueses e brasileiros vão em romagem espiritual junto do monumento ao divino Egá e ali se quedam longo tempo rendendo prelo de gratidão a quem deixou páginas de intensa análise aos costumes dum época que legou às letras portuguesas um puzello de grandes escritores.

Egá de Queiroz continuará a ser admirado nesse Brasil enfiado, tão cheio de sol, de vida, de prosperidade e de progresso.

Dentro em breve outro se levantará numa das praças do Rio de Janeiro: a Luís de Camões, o imortal cantor da nossa epopeia. Tomou a patrocínio a iniciativa deste prelo de homenagem, o comendador Nicolau Guimarães, figura a todos os títulos ilustre da colónia por-



Monumento de Pedro Álvares Cabral

tuguesa, homem dum carácter extraordinário límpido e dum grande perseverança verdadeiramente portuguesa. Director do Alamo Dom Pedro V, e da Caixa de Socorros Luís de Camões, duas das mais altruísticas instituições de beneficência do Rio de Janeiro, o comendador Nicolau Guimarães só descansará quando vir transformada em realidade o seu sonho acalentado há longos anos. Toda a colónia portuguesa conta inteiramente na sua dinâmica acção tanta vezes posta à prova. O "Correio Português", sucessor do "Diário Português", jornal que superferentemente dirige como seu proprietário, é o arauto onde Nicolau Guimarães, dia a dia, infatigavelmente, se bate pela construção do monumento a Luís de Camões. Cabe agora ao governo brasileiro secundar a iniciativa do ilustre português, permitindo que sejam veicadas lódas as pelas burocráticas e à colónia lus em terra írmã, ajudar a transformar numa feliz realidade o que é desejo de todos. Seria — temos de convir — um lindo número das festas comemorativas do duplo centenário da Fundação e Restauração de Portugal na capital do grande império brasileiro a inauguração da estátua ao imortal Egá, no glorioso centro de "Os Lusíadas". Aquel decote o alvitre de que sei contar com os votos de todos os portugueses que vivem com os olhos postos na grandeza da nação írmã, o glorioso Brasil.

ARMANDO DE AGUIAR.



O Claustro do Museu

## Uma visita ao Museu de Cascais

A Comissão Executiva do V Congresso Internacional do Vinho e da Vinha que há pouco se realizou entre nós com invulgar êxito e interessante repercussão no estrangeiro, teve a feliz inspiração de incluir no programa oficial das excursões, de acordo com a Câmara Municipal de Cascais, uma visita dos congressistas ao Museu do Conde de Castro Guimarães, legado a esta vila pelo benemérito que tinha este título.

O característico e inconfundível aspecto exterior do Palácio, a sua privilegiada situação sobranceira ao mar, com o qual pode comunicar directamente, os seus floridos jardins com a pequena capela própria, o extenso parque de belos arruamentos, os luxuosos salões que encerram tantas e tão preciosas maravilhas, têm sempre merecido as mais lisonjeiras referências aos numerosos estrangeiros que o têm visitado.

Também desta vez os participantes do Congresso, manifestaram a sua inteira satisfação, publicamente exteriorizada através de um interessante artigo, profusamente ilustrado, que a propósito do mesmo Congresso inseriu, num dos seus últimos números, «L'Illustration», a categorizada revista de Paris, e de que com praser transcrevemos o curioso trecho que se lhe refere.

«Em Cascais visita ao Palácio do Conde de Castro Guimarães, hoje legado ao Estado, um claustro adorável, uma biblioteca a fazer revolver-se no seu tumulto o bibliófilo Jacob e, sobretudo, um salão de música do mais puro português, grandes painéis de púrpura, retratos antigos, o tecto com doirados de uma magnificência igual à do Palácio de Sintra, visto nessa manhã.

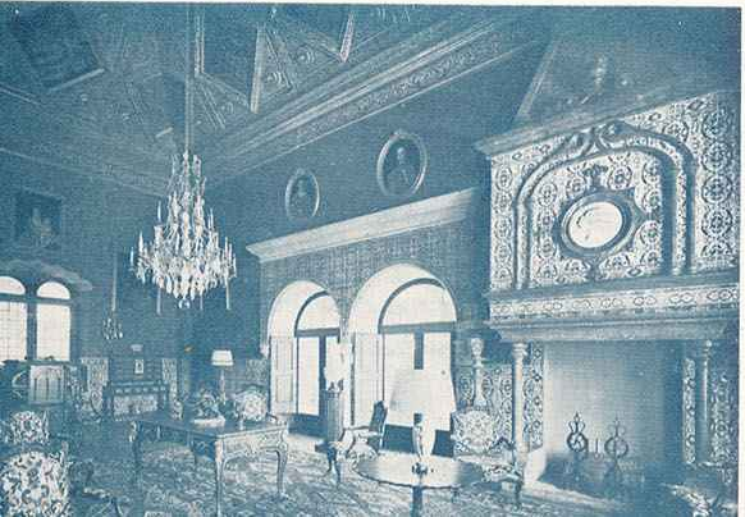
Mas eis que uma voz se eleva, muito pura, equilibrada, esplendida, um concêrto de canções populares nos foi oferecido, neste quadro único, pela cantora de Lisboa, Arminda Correia, algumas delas melancólicas, outras, mais raras, diabólicamente alegres, de um vivíssimo ritmo, e pouco a pouco, com o crepúsculo que vem cáindo, todo o Portugal se revela, nos seus sonhos, nos seus amores, na sua alegria, enfim em toda a sua alma».

Foi nestes deveras expressivos termos que o interessante *magazine* francês interpretou a excelente impressão causada aos presentes congressistas, em que estavam representadas catorze nacionalidades, na sua visita ao Museu de Cascais.

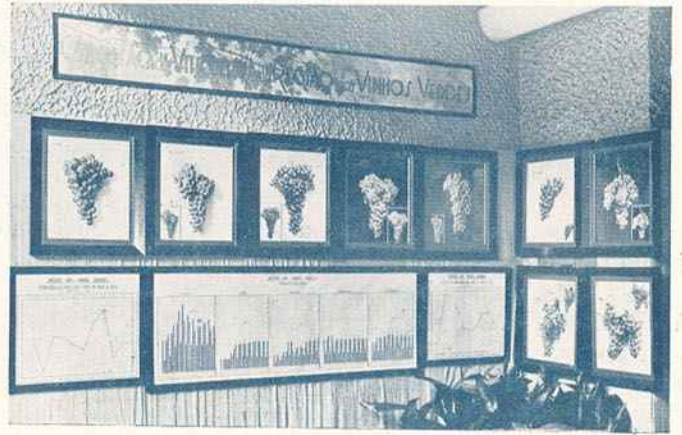
Várias e interessantes modificações têm sofrido ultimamente este Museu, melhor aproveitamento das suas instalações, novas salas entre as quais a que fica com o nome do dr. José de Figueiredo e em que se expõem as valiosas obras artísticas que por ele lhe foram legadas, mais inteligente disposição dos milhares de objectos a expôr, obra esta a que a sua Comissão Administrativa, à frente do qual se encontra o Presidente do respectivo Município, tem dedicado o melhor da sua vontade.

A curta distância da capital, numa privilegiada região turística, o Museu do Conde de Castro Guimarães representa um valor cultural de alto relevo que deve ser tão visitado e apreciado dos portugueses como o tem sido dos estrangeiros que por lá têm passado.

O Salão Nobre onde se realizou o concêrto



## Ecos do Congresso Internacional da Vinha e do Vinho



### Os Vinhos Verdes

Os nossos inconfundíveis vinhos verdes que não têm em qualquer outro País nenhum que se lhes assemelhe, despertaram entre os Congressistas, de muitos deles desconhecidos, o mais vivo e justificado interesse.

A sua leveza, frescura, o picão, e ainda a sua baixa graduação alcoólica que permite tomá-lo em quantidades apreciáveis, sem o inconveniente da embriaguês, tornaram-no um produto de eleição hoje muito apreciado, não só entre nós como lá fora, pelo que a sua exportação, que já tinha vida no século XVI, atinge actualmente importantes quantidades.

Como os demais Organismos oficiais e corporativos a Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes que tem a seu cargo a organização e disciplina da produção e comércio destes vinhos, apresentou-se na Exposição Documentária, realizada no Casino Estoril, com uma elucidativa instalação em que figuravam um mapa e dois gráficos de minuciosos dados sobre a sua produção e consumo nos principais centros do País, e quantidades entradas no Entrepósito destinadas à exportação.

A circundá-los viam-se ainda quadros emoldurados, com artísticas ampliações fotográficas de cachos de uvas das diferentes castas produtoras destes característicos vinhos, cujas amostras, tinto e branco, se encontravam em garrafas e em dois elegantes barrilitos de vidro.

### O Moscatel de Setúbal

«A quinta essência dos vinhos licorosos quando velho é meduloso sem ser doce, perfume complexo, etéreo e agradabilíssimo, e uma grossura que não impede a lágrima no copo e a deglutição fácil», tais são os sugestivos termos em que a este precioso vinho se referiu em 1929, o ilustre professor Rasteiro.

A União Vinícola do Moscatel de Setúbal, apresentou-se na Exposição do Estoril com uma instalação que, marcando pela sua originalidade, era bastante elucidativa. Na parede, uma linda foto-montagem dos artistas



Américo Nunes e Benoiel, com perto de oito metros quadrados, reproduzia o trabalho das vindimas, vendo-se no primeiro plano, em apreciáveis dimensões, gentis vindimadeiras ocupadas na sua faina.

Sobre uma mesa coberta de panos regionais encontravam-se um bem delineado mapa indicativo da região demarcada, uma linda agarela em que se vê um vapor atracado ao cais carregando barris e caixas deste vinho para a exportação, com os respectivos gráficos, que hoje atinge já quantidades consideráveis, e ainda os dois barrilitos de vidro contendo as amostras, um de vinho corrente e o outro de vinho de reserva.

# COISAS PEQUENAS, GRANDES EFEITOS

**H**á épocas na vida das criaturas, como na vida dos países em que tudo contribui para as diminuir, para as tornar mais dolorosas e mais difíceis.

Outras épocas, tudo se torna florido na estrada da vida, tudo são sorrisos e alegrias, e, a felicidade espreita por toda a parte, introduz-se quasi, sem que, por isso se dê, e, a vida torna-se deliciosa para as criaturas humanas, ou grandiosa para os países que atravessam uma era de felicidade.

Portugal está actualmente neste caso e parece que as bênçãos do Céu caíndo sobre o nosso torrão pátrio fazem cair sobre ele a atenção do mundo.

Houve tempo em que quasi desconhecidos, esquecida a nossa incomparável história, a obra de civilização extraordinária de nossos maiores, que com os descobrimentos e navegações fizeram a descoberta do mundo até ali ignorado para os europeus, e trouxeram ao país, grandeza e ao mundo assombro, por feitos espantosos; quando além fronteiras nos diziamos portugueses insistiam se eramos espanhóis; com revolta e indignação de quem se orgulha de pertencer a um país que se é pequeno na Europa é grande, muito grande, mesmo, no mundo.

Hoje, já assim não é, somos conhecidos na Europa, como já o eramos no Oriente e podemos dizer que Portugal é descoberto actualmente por milhares de estrangeiros, como o atestam as continuas e numerosas excursões, que todos os dias, se pode assim dizer visitam o nosso país.

Portugal está em moda e como pelo mar é de fácil acesso, nem a guerra de Espanha, que nos cortou durante um tempo as comunicações terrestres com o resto da Europa, fez com que diminuisse a corrente de turismo que felizmente, nos torna cada vez mais conhecidos e estimados no mundo civilizado da velha Europa. A beleza das nossas paisagens, a afabilidade do nosso povo, a suavidade do nosso clima, o sabor delicioso das nossas frutas, e o encanto da exuberância e cor das nossas flores, têm contribuído para espalhar o conhecimento do nosso país, e os excursionistas que o visitam, proclamam um dos mais belos e interessantes do mundo.

Os nossos trajes regionais tão belos alguns



tão graciosos, são sempre apreciadíssimos e podemos dizer que não pouco têm contribuído para tornar conhecido o país.

Pequena coisa talvez, para alguns espíritos, que não compreendem que as pequenas coisas, são muitas vezes grandes, e que esses lindos trajes de varinas, e, sobretudo os das lavadeiras dos arredores de Viana do Castelo, têm contribuído muito para tornar conhecido Portugal.

Esses lindos tecidos de cores vivas e brilhantes que as raparigas de Santa Marta, Carreço e Alife, graciosas e artistas, tecem à porta das suas brancas casinhas, que a madresilva emoldura ou contemplando ao longe e extensão do Oceano, que as veigas cultivadas até à sua orla de branca espuma, embelezam, têm contribuído para despertar a curiosidade dos extranhos, porque se sente nesses tecidos, que há um ambiente de grande beleza e de estética, forçando-as a produzir coisas belas e artísticas.

No linho branco das camisas, sente-se a doçura dum paisagem idílica, que as florinhas azuis do linho tornaram deliciosamente poetica, como a simbólica florinha azul do sentimento, tão espinhada e emurhecida pelo materialismo dum época, mas que simbólica como é; têm quasi a força da natureza e recomeça a esmaltar os campos do sentimento, aqui e ali, como as florinhas azuis do linho, os campos do norte de Portugal.

Esse linho branco e belo que os bordados azuis e vermelhos feitos pelas mãos graciosas, que empunham quando é preciso, com graça e valor, o agulhão que esperta os bois, ou com força e energia o arado que rasga a terra para das suas entranhas arrancar o pão que dá força e saúde, e, o encanto de quem o vê, como os lenços franjados que atraem também a atenção e pequenas coisas, têm sido de grande efeito para a propaganda do país, tornando-nos conhecidos.

Este ano durante a «season», uma senhora inglesa tornou Portugal alvo de curiosidades apresentando-se em público vestida com o traje regional do norte do país.

Viajante intrepida Lady Isabel Blunt-Mackenzie, filha única da condessa de Cromartie e do tenente-coronel Blunt-Mackenzie, tem percorrido o mundo. Conhece a Africa, a América, a Persia, e sempre curiosa de paisagens novas de costumes diferentes, passa a maior parte da sua vida numa continua agitação, sendo poucos os mezes que passa na Escócia, no solar paterno, próximo de Kildary, onde chega carregada das mais extravagantes coisas que tornam a sua bagagem incómoda e até perigosa.

A sua chegada do Egipto, trazia alguns crocodilos que destinou a um dos lagos da sua propriedade, bagagem aterradora para quem se aproximasse dos horríveis animais.

Da ilha da Trindade, trouxe uma não menos incómoda bagagem, mas pelo menos mais pacífica, tartarugas terrestres, que no seu exotismo contribuirão para tornar famoso o seu parque, em breve com uma fantástica e nem sempre agradável fauna.

Da sua estada em Portugal, levou a jovem e bela viajante uma bagagem mais interessante e que contribuiu para pôr em destaque a sua beleza e tornar conhecido o nosso país, porque todas as raparigas bonitas da sociedade de Lomdres, desejaram possuir um traje de minhota para realçar a sua graça.

Damos alguns aspectos de Lady Isabel com o seu traje, que não usa com o rigor que seria para desejar, o que choca um pouco quem está habituada, como eu, a ver a graça com que as raparigas do Minho, usam garbosamente o seu lindo traje, graça inimitável como tudo o que é espontâneo e natural.

No traje de Lady Isabel nota-se a falta do lenço no peito, o pouco ouro, que é o ornamento indispensável dum lavadeira rica, a maneira de



por o lenço completamente diferente da usada pelas minhotas que o atam no alto da cabeça, formando as franjas diadema e moldura, aos rostos graciosos.

Outra falta enorme é que a aristocrata inglesa apresentou-se de pé descalço o que nunca uma lavadeira faria com o seu traje de luxo. Faltam-lhe as lindas meias rendadas, brancas como a neve a que nistros vermelhos servem de ligas, e, a chinellinha de polimento bordada, essa graciosinha chinellinha que bate o compasso, ao andar nervoso e desempenado das raparigas das nossas aldeias.

A linda senhora viu certamente as raparigas descalças na sua faina diaria e não teve quem a iludisse que no traje de gala não se admite o pé nú.

Mas apesar de todas essas falhas naturais em quem passa numa provincia num giro de automóvel sem mais contacto com a população, temos de agradecer a Lady Isabel a propaganda que a sua fresca beleza fez ao traje regional do Minho, que atraiu a atenção das suas compatriotas, para o nosso país e em muitas senhoras despertou o desejo de conhecer o país onde as camponesas usam um tão belo traje, propaganda do melhor efeito por ser espontanea, e, natural do feitio artistico dessa joven senhora que sabe viajar, provando-o principalmente nas várias viagens que tem feito no deserto.

Agradeçamos pois á elegante senhora a gentileza da sua propaganda que é das mais interessantes, porque das pequenas coisas vêm grandes efeitos e dos tecidos de cores variadas, que lembram o céu puro do nosso país, o verde brilhante das nossas arvores, as cores vistosas das nossas flores, saíra um fluido que lembrará a a todas as jovens que em Inglaterra viram a beleza do seu traje, que é agradável viajar num país onde o pitoresco existe ainda o que não acontece, nos outros países, que civilizando-se rapidamente perdem as características do traje e dos costumes o que faz com que seja interessante visitar novos países e ver aquilo que não estamos habituados a ver, e não a percorrer léguas em terra, milhas no mar, para ver em toda a parte a mesma coisa.

Civilisemos o nosso país, demos-lhe o conforto necessário á vida, tornemo-lo o mais agradável possível ao turista, mas nunca devemos perder o pitoresco dos nossos costumes regionais, que devem ser preservados da infiltração da moda banalisadora, que destrói o encanto poetico dos vestuários das camponesas e lembremo-nos sempre que conservando esses trajes tão interessantes, contribuímos para manter a graça e o encanto do nosso país, aos olhos dos estrangeiros apreciadores de coisas novas e interessantes.

A arte de turismo de que tanto se fala nestes últimos anos consiste em manter o pitoresco e o desusado dentro do civilizado, porque hoje mais do que nunca de pequenas coisas se tiram grandes efeitos. E tudo no-lo indica.



as suas posses, corrija para que haja um maior bem estar, uma prosperidade que torne a vida de todos, mais suave e mais bela.

Que o trabalho dos operários seja recompensado pelo seu justo valor e que todas as energias sejam aproveitadas, mas não esgotadas, numa exploração da máquina humana. Para que a nossa vida seja bela, tranquila, feliz, é necessário que a nossa volta tudo seja belo, tranquilo e agradável.

Porque não há coração humano, que possa ser tão endurecido, que não seja satisfeito, quando nada lhe falta pessoalmente, mas à sua volta gemem aqueles que nada têm.

Ajudar os pobres é contribuir para o sossego e alegria da nossa própria vida, e trabalhar para o bem próprio e só assim se compreende que exista a sociedade humana.

Encaremos pois a vida como ela é e conscientes dos nossos deveres, tratemos de a melhorar, trabalhando dentro da nossa situação para que a vida moral e material dos que nos rodeiam, se modifique sempre para melhor.

E que este esforço se intensifique neste novo ano que se abre diante de nós e que como todos começa com um ponto de interrogação. Será um bom ano, será um mau ano?

É a pergunta que sempre fazemos ao ver começar um novo ano, mas não a fazemos com confiança e fé em Deus, com coragem para enfrentar a vida e um propósito de nos melhorarmos e de melhorar a situação dos que nos rodeiam e por quem possamos fazer alguma coisa ajudando-os na vida.

Novo ano, novos propósitos, novas esperanças e assim decore a vida do homem na terra. E ainda bem que assim é, porque assim a esperança de melh. res dias, que lhe ilumina o caminho, é que lhe dá a força para lutar e para vencer.

Que essa luta, seja útil neste Novo Ano e que num Portugal novo, cheio de Fé e de Esperança, todos unidos num mesmo ideal de engrandecimento, tenhamos uns para os outros a Caridade, que dá a força e faz a união.

Que o homem forte e poderoso levante mais alto o nome glorioso do país, que a mulher terna e cuidadosa faça mais suave a vida no lar, e que a criança prepare o futuro numa continuidade sem fim.

E que a paz reine no Mundo toraando-o mais próspera e feliz e que a Fraternidade não seja este ano de 1939, uma palavra vã, mas sim uma realidade.

MARIA DE EÇA.

**A MODA**

VARIADA, cheia de novidades, a moda transformou por completo os centros elegantes, onde ela nasce e se espande imediatamente.

As ruas de Paris e de Londres, se não fossem as saias curtas, transportavam-nas a 1900, de tal maneira a moda se assemelha à moda nesse tempo, e, como sempre acontece o corpo feminino modificou-se em harmonia com a nova orientação de elegância.

Cinturas finas, alças redondas, o peito alto, a mulher de 1939 assemelha-se há mais a sua mãe, do que à mulher de 1930.

Penteados, vestidos, chapéus, tudo se filia na mesma linha, tudo tem a mesma orientação, que torna harmoniosa a moda, que pelo menos tende a tornar mais feminina a silhueta da mulher, que nos últimos anos, se tinha masculini-

# PÁGINA SFEMININAS

zado demasiadamente em suas formas, vestir e modos dando-nos a impressão algumas raparigas, de rapazes que usassem saias.

Algumas senhoras não simpatizam com esta moda sobretudo os penteados, dizendo que envelhecem, eu não concordo com este parecer e prefiro ver meninas com um penteado que as carregue um pouco, a ver caras em que a mocidade passou há muito de cabeleirinhas infantis e caracóis angelicais, caindo-lhe nos ombros. Quem é nova sempre o parece e quem já o não é tem de se resignar e tirar o melhor partido da moda, procurando o que a favorece, e, assim está tudo certo.

Damos hoje alguns modelos da última moda e dum grande requinte de elegância.

Para a noite, para grande gala uma encantadora «toilette» de grande luxo e elegância, que pela forma lembra os vestidos de baile e evocam a figura elegantíssima da Imperatriz Eugénia. O vestido é em «lambé» de prata. Corpete da maior simplicidade. A saia muito ampla e dum corte elegantíssimo. Todo o vestido «voilé» de cor de rosa com graciosos motivos de galão de prata. O penteado muito simples de risco ao meio, o mais Imperatriz Eugénia possível; é guarnecido com duas camélias cor de rosa. É uma linda «toilette».

Para jantar temos uma deliciosa blusa em «crepe chiffon» preto. Leva delicada, feminina é dum encantador efeito. As mangas curtas são ajustadas ao braço por um canhão de preguinhas, que forma um folhinho, duas bandas de preguinhas guarnecem-na de alto a baixo de cada lado do «jobot» que forma a frente da blusa.

A gola é feita por uma tira que atá num laço e é apertada de cada lado por dois «clips» em



brilhantes. É usada sobre um fitão de setim branco e com saia de setim preto.

O penteado é do mais moderno estilo e elegantíssimo, deixa livre a nuca e as pontas do cabelo arcam em graciosos caracóis no alto da cabeça.

A blusa pode ser usada debaixo dum casaco de abafar e ficará muito bem com um «tailleur» de cor clara ou cor viva.

Para a tarde e para jantar um elegante vestido em veludo de seda violeta de parma, a cor preferida da falecida rainha Alexandra, este vestido é do estilo a que os ingleses chamam Edwardiano.

O alto do corpo é todo em franzidos e tem gola alta, os punhos e a borda da saia são guarnecidos por uma «ruche» franzida, o cinto no mesmo veludo fecha com uma linda fivela. O chapéu é uma choux de plumas rosas e guarnecido com um veu na mesma cor.

Para abafar, casaco em «Persian Camb», preto, guarnecido nas mangas a raposa «arpenché» acompanhando o regalo em raposa, formando um conjunto elegantíssimo. Chapéu em veludo preto guarnecido de penas género «contaux».

Capa rica em «vison» da maior simplicidade esta capa tem a vantagem de poder ser usada com uma «toilette» de noite. Chapéu em feltro guarnecido com passarinhos pretos e um amplo veu que cai pelas costas.

**TESOURO DESCOBERTO**

Como nos antigos contos descobrem-se ainda no mundo antigos tesouros ocultos, o que é para admirar perante a febre da procura de ouro, que tem feito o homem remover a terra para o encontrar.

Num ponto da costa australiana, chamado Queensliff, um mergulhador indígena descobriu a caverna onde o pirata espanhol Benito escondeu no século xvii um valioso tesouro avaliado em cerca dum milhão.

O tesouro fruto das proezas dos corsários na



costa da América Central consistia de duas estátuas de ouro de tamanho natural, roubadas por Benito na Capital do Peru.

A notícia da descoberta da caverna interessou sobremaneira os financeiros australianos, os quais formaram imediatamente um sindicato, para recuperar o tesouro, em consequência escandando, trabalha já há algumas semanas em Queensliff, para descobrir uma passagem que leve à caverna. Até agora, porém, os seus esforços têm sido infrutíferos e os trabalhos estão suspenso; espera que ali chegue um poderoso reflector submarino, que lumine bem a costa e permita descobrir a passagem aos trabalhadores, que conduzirão as estátuas.

**MEIAS DE SEDA**

Estudos feitos recentemente sobre a história do traje, fixaram a atenção dos investigadores sobre um objecto muito importante do vestuário, e, que para as senhoras tem a maior importância: as meias.

Até ao século xvi na Europa não se conheciam as meias de seda, só-me meias de lã e algodão cobriam as pernas dos europeus, mesmas as reais e imperiais.

No primeiro a enfiar um par de meias de seda foi Henrique VIII de Inglaterra, que as recebeu como precioso presente dum príncipe espanhol. As senhoras continuaram a usar modestamente as meias de lã ou de algodão, até que a rainha Isabel, filha de Henrique VIII, subiu ao trono de Inglaterra e lançou a moda das meias de seda para as senhoras.

A capital das meias de seda, em França, é Iroeges, velha cidade histórica que muito tem interessado os investigadores, que se dedicam à história das meias.

Não se têm poupado a estudos para estabelecer a data de nascimento desse produto que fez a riqueza desta povoação e lançou a moda de lã e seda que ainda hoje dá trabalho e riqueza aquela região.

Segundo estes historiadores as meias de seda farão dentro em pouco o seu aniversário natalício, sendo o seu aparecimento em 1537, têm portanto quasi quatrocentos e dois anos.

E não se sentem embelezadas com essas ancas, quando o revestem umas bonitas pernas, e, se mostram em todo o seu esplendor.

Há pois quatrocentos anos que a mulher usa as meias de seda, mas nunca elas se usaram tanto como agora e nunca se mostraram em saias tão curtas.

A meia de seda é uma linda coisa e fica bem a qualquer senhora, mas



**HEGIENE E BELEZA**

A beleza do cabelo tem sido reconhecida sempre como uma das que mais contribuem para o esplendor da mulher e hoje mais do que nunca se reconhece o encanto dessa beleza mas nem sempre esse reconhecimento, leva a torná-la maior.

Actualmente há a mania de pintar o cabelo, o pretérito, em geral, são umas brancas que quasi adivinham e a realidade é que a mulher o que deseja é variar e embelezar-se, o que nem sempre sucede, porque se à primeira aplicação o cabelo fica lindo, com a continuação queima-se e define.

O cabelo para ser sempre bonito e abundante não deve ser tratado com frisonos nem pinturas, tem de ser tratado com cuidado, lavá-lo uma vez por mês, escovado uma vez por dia e aplicar-lhe duas vezes por semana, brilhantina rica-nada, abrindo rastos e aplicando com uma pequena escova.

Segundo este sistema conserva-se toda a vida uma linda e abundante cabeleira.

para ter encantos, deve ter o seu mistério, como tudo neste mundo, e não vede ser exibida com tanta liberdade, como o é actualmente.

Conservemos o seu uso mas sejamos discretas nesse uso, o que será interessante para as meias, e mais distinto para as senhoras que as usam.

**DE MULHER PARA MULHER**

Chica! Não creio que faça bem em tomar essa resolução sem consultar a sua mãe. Já que tem a felicidade de ter junto de si essa conselheira, a melhor que pode ter, consulte-a ainda mesmo nas pequenas coisas quanto mais num assunto dessa importância e que ela melhor que ninguém poderá esclarecer. E não se precipite.

Violeta! Pelo contrário deve insistir e não ceder um palmo de terreno conquistado.

Se há coisas em que a mulher tem o dever de conciliar e ceder, ponto de parte a sua vontade, quando se trata da dignidade da família e da consciência, tem de ser calmamente firme e não ceder.

Evite discussões e pela dignidade da sua atitude vencerá e talvez consiga que ele volte ao caminho direito.



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição. Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.<sup>a</sup> ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 20

(Totalidade — 17 pontos)

QUADRO DE HONRA

Ti-Beado, Siulno, Rosa Negra, Erebelo, M. A., P. M., Felix Lobato, Mr. Moto, Tripa Mágica, Sir Bay, Alvarinho, Eusapesca, Barrão Y, Ramon Lágrimas, Dama Negra, Mirna, Infante e Sol de Inverno.

QUADRO DE MÉRITO

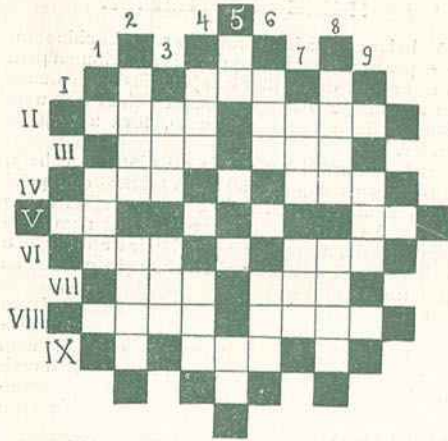
Tarata, Anjo das Serras, Visconde X, Agasio, Diriso, Sevla e Francisco J. Courelas — 13. J. Tavares Pimpas, D. O. X., Tarata e Cigano — 11. Aureolinda, Doris I, Larabastro e Serrano — 9. Américo Dias — 6

DECIFRAÇÕES

1 — Velhaco. 2 — Engamento. 3 — Ovídio. 4 — Fédora. 5 — Respe-respe. 6 — Sosano. 7 — Sagrado. 8 — Vacá. 9 — Terramoto. 10 — Decorroso. 11 — Mo(fi)no. 12 — Ma(dras)ta. 13 — Bu(s)lhão. 14 — Vi(o)la. 15 — Vi(ro)so. 16 — Argomas. 17 — Do mal guardado come o gato.

PALAVRAS CRUZADAS

N.º 1



HORISONTAIS :

- I — Íntimo.
- II — Afeição; farsca.
- III — Época; Salvé.
- IV — Partes iguais; cartel.
- V — Graça; nociva.
- VI — Lá; canta.
- VII — Poesia; sofrimento.
- VIII — Uni; elevada.
- IX — Ente.

VERTICAIS :

- 1 — Altar.
- 2 — Assim seja; qualidade.
- 3 — Agora; partida.
- 4 — Cólera; aqui está.
- 5 — Certo; o ser consciente.
- 6 — Reza; entregar.
- 7 — Insignificância; génio.
- 8 — Leal; nascimento.
- 9 — Aia.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 29

PALAVRAS CRUZADAS

A partir do presente «Desporto» e nos números referentes aos primeiros dias de cada mês será publicado um problema de palavras cruzadas.

Aos produtores será atribuído, gratuitamente, um exemplar da «Ilustração», por cada problema publicado, em igualdade de circunstâncias com os autores dos «desenhados». Para os decifradores será sorteada uma obra literária no valor de 10\$00.

PLANO DE DISTRIBUIÇÃO DOS PRÉMIOS LITERÁRIOS EM CADA TRIMESTRE NESTA SECÇÃO

Conforme anunciamos no pássado número, damos a seguir o modo de conferição de prémios aos colaboradores deste «Desporto».

DECIFRADORES

1.º prémio. Uma obra literária, no valor de 12\$00 a 15\$00, ao decifrador que maior número de pontos obtenha durante o referido trimestre, recorrendo-se ao sortio em caso de empate.

2.º prémio. Uma obra literária, no valor de 10\$00 a sortear entre os decifradores que obtenham mais de 50 % de pontos, excluindo os concorrentes ao 1.º prémio.

3.º prémio. Uma obra literária, no valor de 5\$00 a 7\$00 a sortear entre os decifradores com menos de 50 % de pontos.

PRODUTORES

EM VERSO

1.º prémio. Uma obra literária, no valor de 10\$00 ao autor do melhor logogrifo.

2.º prémio. Uma obra literária, no valor de 7\$00 a 8\$00 ao autor do logogrifo classificado em 2.º lugar.

1.º prémio. Uma obra literária, no valor de 10\$00 ao autor do melhor trabalho, além dos logogrifos.

2.º prémio. Uma obra literária, no valor de 7\$00 a 8\$00 ao autor classificado em segundo lugar, nos mesmos trabalhos.

EM PROSA

1.º prémio. Uma obra literária, no valor de 10\$00 ao autor da melhor produção.

2.º prémio. Uma obra literária, no valor de 7\$00 a 8\$00 ao produtor classificado em segundo lugar.

3.º prémio. Uma obra literária, no valor de 5\$00, ao produtor classificado em 3.º lugar.

Todas as obras indicadas serão editadas pela Livraria Bertrand e por ela indicadas.

NOVA NOMENCLATURA CHARADÍSTICA

Conforme nos referimos, no número anterior, efectuou-se, no dia 10 do mês último, uma reunião de abalisados charadistas para tratar da reforma da nomenclatura de algumas espécies.

Tiveram a gentileza de aceder ao nosso convite os seguintes confrades: *Bisnau*, pela *Terúlia Edípica*; *Mirones*, pela *Liga Auxiliar da «Charada»*; *Matuto*, pelo «Senhor Doutor»; *Jofralo*, pela «Cultura e Recreio»; *Ariepamil*, (delegado de «Poeta das Dúzias») pelo «Sports»; *Dropé*, pelo «Grupo X»; *Zé da Ponte*, (individual); o Director desta Secção, como organizador da reunião e representante deste «Desporto Mental».

Exposto o tema a discutir e depois de se ter feito uso da palavra, verificou-se que todos os presentes estavam de acordo na modificação da nomenclatura existente, à excepção do delegado

de «Poeta das Dúzias», que opôs a sua discordância absoluta.

O principal inconveniente que parecia obstar à mudança das denominações era o facto de se recetar a confusão, especialmente nos novatos.

Porém, encontrou-se, logo, maneira fácil de remediar este possível inconveniente, fazendo acompanhar, durante algum tempo, as duas designações: *Antiga* e *Moderna*. Entretanto como, a certa altura da apreciação da tése, um confrade desviasse a atenção do assunto, que se estava tratando, para um outro charadístico, também, mas diferente, resultou falar o tempo para o completo estudo da questão e por esse motivo temos de organizar segunda reunião, possivelmente, nos meados do presente mês, para se assentar em bases definitivas.

A nossa proposta para a nova nomenclatura é a seguinte:

*Antigas e novíssimas ou em frase*, passam a ter a designação comum, quer em prosa ou verso: — ADITIVAS.

*Mefistofélicas*: — ENCADEADAS.

*Elétricas*: — REVERSIVAS.

*Figurados*: — HIEROGLIFOS SIMPLES, FIGURADOS SIMPLES ou FIGURADOS COMPLETOS.

*Pitorescos*: — HIEROGLIFOS COMPLEXOS, FIGURADOS OMISSOS ou FIGURADOS INCOMPLETOS.

São estas as principais espécies que merecem o nosso carinho, baptizando-se com nomes apropriados e determinantes, embora muitas outras, necessitassem também novas designações, mas que são pouco usadas.

Aguardamos, pois, um acôrdo definitivo para começarmos a empregar nesta secção as novas nomações.

TRABALHOS EM VERSO CHARADAS ANTIGAS

- 1) *Vamos! amigo Faria*, — 2  
 Não ralhes, com mil macacos, — 2  
 Haja paz, haja alegria,  
 Não qu'remos na confraria  
 Nem tratantes nem velhacos.

Leiria Magnate (L. A. C.)

Toda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: *Isidro António Gato*, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

2) ENIGMA FIGURADO



Leiria Magnate (L. A. C.)

# ECOS DA QUINZENA



Os srs. Presidente da República e Cardial Patriarca, entre alas da «Mocidade Portuguesa» e sob uma chuva de flores dirigem-se para o salão de festas do Liceu D. Filipa de Lencastre, onde se realizou a sessão solene que encorrou a «Semana da Mãe». Durante a cerimónia foram distribuídos prémios de natalidade a famílias numerosas e o sr. ministro da Educação Nacional anunciou novos e importantes apoios à patriótica obra



A Missão Militar Inglesa com os srs. Presidente da República e embaixador de Inglaterra no Palácio de Belem, onde o almirante Woodhouse e os oficiais sob o seu comando foram apresentar cumprimentos. — *A' direita*: Os dois chefes das missões inglesa e portuguesa despedindo-se a bordo do «Alcântara»



Um aspecto do banquete de despedida no Aviz Hotel aos componentes da missão portuguesa, tendo presidido o sr. almirante Woodhouse que dava a direita ao sr. general Tasso de Miranda Cabral. Trocaram-se amistosos brindes, recordaram-se fases curiosas dos trabalhos realizados, a que presidiu sempre um elevado espirito de camaradagem e defendeu-se entusiasticamente a aliança luso-britânica



A equipa de futebol do Sporting Clube de Portugal, que pela sexta vez consecutiva ganhou o campeonato de Lisboa

As recentes decisões do congresso federativo mudaram profundamente a orgânica regulamentar do futebol português; sintoma natural da evolução do desporto, ao qual a experiência aconselha a necessidade de sucessivos aperfeiçoamentos, mas que neste caso nos deixa perplexos quanto a certeza de tratar-se de medidas que determinem progresso ou melhoria nas condições de vida no popular jogo da bola.

De quantas alterações os congressistas introduziram nos regulamentos federativos, duas há que assumem excepcional importância e não podem passar em ambiente de silêncio que se preste à interpretação de incondicional aplauso da opinião pública: uma é a que determina taxativamente o direito de prorrogação dos contratos dos jogadores pelos clubes a que estão ligados, mesmo contra a vontade daqueles; outra é a transformação do Torneio da Liga em Campeonato Nacional, mantendo-se os antigos preceitos que o regiam.

Contra a primeira pugnou denodadamente, argumentando com os recursos do bom senso e da moralidade, o secretário da F. P. F., sr. capitão Maia de Loureiro, vencido pelo egoísmo dos votantes em cujo espírito apenas pesava o desejo de salvaguardar interesses mandatários dos clubes a que todos directa ou indirectamente se encontram ligados, sem ponderar os legítimos direitos da liberdade individual.

A segunda foi já condenada pelo nosso camarada de imprensa Tavares da Silva, e como ele confessamos-nos surpresos ante a decisão dum organismo constituído pelas associações regionais de todo o país e império, resolvendo chamar campeonato nacional uma competição onde apenas admite a entrada de representantes de Lisboa, Pôrto, Coimbra e Setúbal. Como se os restantes distritos não fizessem parte de Portugal!

Esqueceram os orientadores responsáveis do futebol que na lista dos campeões nacionais figuram, além dos clubes de Lisboa e Pôrto, o algarvio Olhanense e

o madeirense Marítimo, ao passo que lá não encontramos rasto dos filiados das outras duas regiões agora privilegiadas; mais pasmoso é ainda este esquecimento em pessoas incumbidas de representar os interesses das associações esportivas do campeonato e que deram o seu voto a semelhante exclusão! Sucedeu assim, por exemplo, com o Algarve, contradizendo o voto expresso em épocas passadas para que lhe fôsse aberto o acesso à 1.ª Liga.

Estas atitudes explicam-se pela má escolha dos delegados regionais; os representantes da maioria das associações provincianas são pessoas residentes em Lisboa, ligados ao interesse das colectividades lisboetas e escolhidos por influência de amizades pessoais ou política clubista, de forma que em actos de voto incluíam-se no sentido das conveniências do seu verdadeiro meio e não daquele cuja representação é apenas um pretexto para servir o primeiro.

A saída a público dêste número da *Ilustração* coincide com o dealbar de novo ano. Fechou, na existência dos homens, um ciclo periódico e outro se abre para o qual começamos a contar de novo.

Embora ainda recentes, factos dos quais nos separa apenas o curto espaço de semanas, passaram a ser doutro tempo, pertencem ao ano findo e incluem-se indistin-

## A QUINZENA DESPORTIVA

tamente num conjunto de acontecimentos cuja individualidade se perdeu no conceito das nossas recordações que só os consideram desde hoje englobados no repertório das actividades similares.

A impressão de resumo colhida nesta época transitória relanceando o pensamento pelos elementos que vinte e quatro vezes foram pretexto para estas crónicas desportivas, é semelhante aquela que o viajante recebe ao cabo da jornada voltando para traz o olhar após longo percurso numa planura invariável: o olhar fixa à quem e além pormentores que se confundem na meia tinta geral, mas não encontra um factor de realce que assinala caracterizadamente o panorama observado.

O desporto português em 1938 foi assim, monótono e incaracterístico; os acontecimentos marcantes, aqueles que o interesse público considerou com maior entusiasmo foram, afinal, apenas os mesmos de todos os anos, a renovação periódica das lutas regulamentares do nosso programa de actividades internas.

Percorrendo os horizontes, sem fixar atenção sobre esses pequenos grandes factos obrigatórios, finais de campeonatos, rivalidades clubistas, etc., a memória prende-se em quatro pontos que constituem talvez o único activo a reter no balanço da temporada: a campanha internacional da selecção portuguesa de futebol, o concurso de ginástica educativa, a Volta a Portugal em bicicleta e a parada ginástica da Mocidade Portuguesa.

Os feitos dos nossos melhores jogadores da bola, vitoriosos de quantos adver-



Os desportos do gelo e da neve retomaram actividade: os irmãos Possin, graciosos 15 e 16 anos, antigos campeões austríacos serão este ano os favoritos alemães nas grandes competições mundiais

sários vieram defrontá-los no território português e defrontando com denodo selecções consagradas em terreno estrangeiro, reverdeceram os fanados loiros de Amsterdão e cercaram de prestígio o nome do desporto lusitano chamando para êle a atenção da crítica europeia. É proeza que marca uma época e cuja influência na evolução da nossa posição internacional pode vir a ser, em futuro próximo, decisiva.

O reaparecimento da Volta a Portugal em bicicleta no calendário de actividades desportivas portuguesas corresponde ao ressurgimento duma modalidade das mais populares; a importância que concedemos ao acontecimento provém sobretudo do facto de haver concluído o período de abstenção dos seus organizadores, fundamentado em questões de princípio que abonavam pouco o critério dos altos poderes dirigentes do ciclismo.

O concurso de ginástica e a parada da Mocidade, associam-se no valor do significado: o êxito técnico e de acolhimento público que corou ambas as iniciativas são sintomas preciosos do incremento que estão tomando, no meio dos seus princípios da educação física nacional.

Terminou o campeonato de Lisboa de futebol e pela sexta vez consecutiva o Sporting Clube de Portugal conserva em seu poder o ambicionado título.

Recorda-nos que há dois anos, quando a seqüência dos factos começava a indicar com maior precisão que os "leões iriam pela quarta vez ganhar a prova re-

gional, um dos mais ilustres críticos da especialidade intitulava uma das suas crónicas de comentário: "A caminho da proeza incrível".

Afinal a "incrível proeza" já se prolongou por mais duas temporadas, anulando tôdas as previsões, excedendo todos os feitos notáveis do passado; nos anais do futebol só encontramos, que se lhe possa comparar, a triplíce vitória do Benfica no torneio da Liga.

O campeonato de Lisboa, pelo valor dos seus participantes, pela dureza e dificuldade da competição, não é comparável a qualquer outro campeonato regional. Seis triunfos a fio, em Lisboa, só são na verdade críveis depois de verifica-

Desde a época de 1933-34 até esta que findou há poucos dias, o Sporting, campeão indestrutível, jogou 62 encontros de campeonato, venceu 46, empatou 7 e só foi vencido 9 vezes: quatro pelo Benfica, três pelo Carcavelinhos e duas pelo Belenenses. Os seus homens marcaram nas redes adversárias 225 pontos e consentiram nas suas apenas 62.

Durante esta meia dúzia de épocas vitoriosas, o clube do Campo Grande utilizou, para efeitos de campeonato regional que são os únicos a que se refere a nossa estatística, 54 jogadores, dos quais 5 guarda-redes, 8 defezas, 17 médios e 24 avançados; entre todos estes cinco apenas participaram na totalidade dos torneios sendo portanto os únicos "hexa-



O «basket» é agora o jogo preferido pelas desportistas de Lisboa; oferecemos-lhe, para contraste, esta imagem das suas precursoras quando em 1905 começaram em Inglaterra a prática do «vadeball», antepassado directo do seu desporto favorito

campeões: João Jurado, Adolfo Mourão, Rui Araujo, Manuel Soeiro Vasques e Joaquim Serrano.

O jogador que maior número de encontros disputou nos 62 que os seis campeonatos comportaram foi Rui de Araujo, com 57 presenças, seguido por Manuel Soeiro, 53, João Jurado 52 e Adolfo Mourão 51; Joaquim Serrano, o imediato apenas participou em 37 jogos.

O mais eficaz de todos os avançados leoninos tem sido Soeiro, autor de 52 pontos, ou seja quasi um quarto de quantos o Sporting conseguiu em seis anos de prova; vêm depois Pireza com 27, João Cruz com 20 e Mourão com 18, mas entre estes três marcadores e o detentor do "record", global, intercala-se um outro "recordman", o actual avançado centro Fernando Peyroteo que em 20 jogos distribuídos por dois campeonatos conseguiu introduzir 35 vezes a bola na baliza contrária.

Êstes reünidos elementos estatísticos, que põem em foco a forma insosfismável como o clube dos "leões, impôs durante seis épocas a sua superioridade regional, focam simultaneamente o valor efectivo da sua linha avançada, o grande triunfo no seu jogo dos últimos campeonatos.

O Sporting dispõe de cinco atacantes que podem, sem prejuizo da capacidade da equipa, alinhar na integra no grupo representativo nacional; com tais artífices, e um homem tão seguro como Azevedo a defender-lhe as redes, o clube pode permitir-se fraqueza relativa nos restantes elementos da defesa e meia-defesa, onde aliás não existe qualquer jogador cuja classe contraste com a dos companheiros.



Os finlandeses prosseguem metódicamente a sua preparação olímpica; o antigo corredor e campeão mundial Pavo Nurmi, desclassificado por actos de profissionalismo é hoje o treinador dos corredores da junção «leões», o director, aconselhando o vencedor dos dez quilómetros olímpicos de Berlim, Salminen.

# PIM DE PESTA

## Bridge

(Problema)

Espadas — — — —  
Copas — D. 9, 2  
Ouros — 7, 6, 2  
Paus — 2

Espadas — R. N Espadas — D.  
Copas — 8, 7, 6 O E Copas — A. 10  
Ouros — R. Ouros — D. 5, 4, 3  
Paus — A. R. S Paus — — — — —

Espadas — A. 2  
Copas — R. V. 3  
Ouros — A.  
Paus — 3

Trunfo espadas. S joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga 4 c, O — 5 c, N — 8 c, E — 3 c.  
N > A c, E — 8 c, S — 2 p, O — 10 c.  
N > R p, E — 9 c, S — 2 c, O — 8 p. (a).  
N > A c, E — D c, S — 2 a, O — 9 p.  
N > 3 c, E — R c, S — V p, e S faz as 2 vasas restantes.

(a) Se E se balda a V o, teremos N — R p, E — V o, S — A p, O — 8 p.  
S — A o, 2 o e 2 e que N prende com A c, fazendo O e E apenas o R c.

## Aritmética chinesa

Os chineses possuem um método engenhoso para contarem por meio dos dedos das mãos, com os quais efectuam tôdas as operações de somar, diminuir, multiplicar e dividir, desde um até cem mil.

Cada dedo da mão esquerda representa nove algarismos, a saber: o dedo auricular ou mínimo, representa as unidades; o anelar, as dezenas; o médio, as centenas, o indicador, os milhares e o polegar, as dezenas de milhares.

Contando as três juntas de cada dedo, desde a palma da mão à ponta do dedo, contam uma, duas, três, das denominações mencionadas.

Quatro, cinco e seis contam-se pela parte pos-das juntas do dedo, do mesmo modo.

Sete, oito e nove contam-se sobre o lado direito das juntas, na direção da palma para a ponta do dedo.

O dedo indicador da mão direita empregam-no como ponteiro para contar. Deste modo indicam 1 2 3 4, tocando a primeira junta do indicador da mão esquerda, depois a segunda do dedo maior pelo lado da palma; em seguida, a terceira do anelar, e por último a junta do mínimo próxima à palma pela parte exterior.

Quem quizer, poderá ensaiar este método por si mesmo e, praticando-o, conseguirá dentro de pouco tempo, contar facilmente por meio da aritmética chinesa.

## Velhice invejável

Há poucos jogos — pelo menos daqueles ao ar livre — que possam ser jogados por nonagenários, posto que o tennis, como se sabe pelo exemplo do rei da Suécia, favorece às vezes os octogenários.

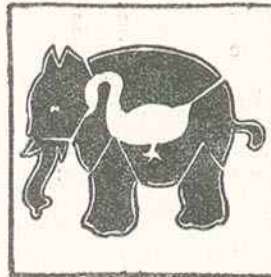
O croquet, unicamente, é que obedece mais à reflexão dos jogadores do que à sua agilidade física. E há uma senhora inglesa, mrs. Treike, com 94 anos, que ainda toma parte em partidas de croquet, batendo regularmente, parceiros da idade de seus netos.

De resto, mrs. Treike, ainda canta e toca piano; pinta e escreve e propõe-se continuar estas ocupações até fazer cem anos.

Levanta-se cedo e vai muitas vezes de noite, ao teatro ou a concertos. À volta, sobe desembaraçadamente a escada da sua casa e ainda trepa dois degraus dum banquinho para se meter no seu grande leito de colunas, que tem uma antiguidade de cento e cinqüenta anos.

## Quebra-cabeças

(Solução)



## Cartas de jogar

Muita gente está convencida, por ter lido isso centenas de vezes, de que as cartas de jogar foram inventadas para distrair Carlos VI de França, nos longos anos que viveu em grande decadência intelectual e funda melancolia; mas tal afirmação não é comprovada e o que é factó é não se saber desde quando elas existem.

Há um baralho no Museu Britânico ao qual se atribue, com verosimil chance, a existência de mais de mil anos; e no século XII já havia cartas de jogar na China e no Japão, com os seus desenhos característicos. Em 1420, tôda a gente jogava cartas, chegando o vício a tal ponto que nos púlpitos os prégadores pronunciavam sermões inflamados contra êle, conseguindo que muita gente entregasse os baralhos que possuía, para serem queimados na praça pública.

Os alemães foram sempre grandes jogadores de cartas, e os naipes dos seus baralhos eram: corações (copas), sinos, bolotas e fôlhas. Sabendo-se o menosprêzo em que tinham as mulheres, não é para admirar que êles não usassem damas, mas apenas cavaleiros (valetes) e reis.

Depois da revolução francesa os reis foram banidos das cartas, e nos lugares dêles passaram a figurar: Molière, La Fontaine, Voltaire e Rousseau. Em vez das rainhas (damas ou sotas), foram representadas: Venus, a Fortuna, Ceres e Minerva.

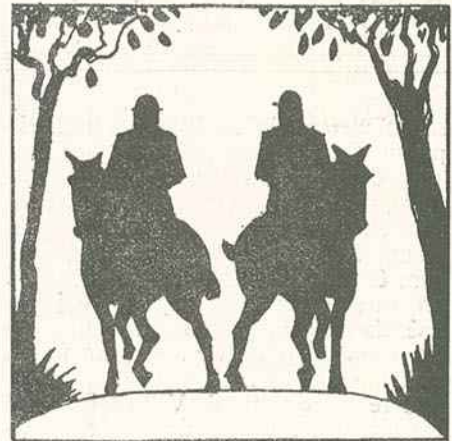
Também se sabe que na Alemanha, há bastantes anos já, os valetes eram generais alemães.

## O pomar

(Solução)

66 macieiras, 44 pereiras, 12 ameixeiras, 42 cerejeiras e 28 nogueiras.

## Ilusão óptica



Olhem fixamente para estes dois cavaleiros e vejam lá em que sentido parece que vão andando os dois cavalos?

## Testamento dum excêntrico

(Problema)

Ricardina tinha um padrinho generoso, mas original, que morreu, deixando ao seu testamenteiro, as seguintes instruções:

«A minha afilhada deve casar brevemente. Quando nascer o seu primeiro filho, desejo que se repartam 140.000 escudos entre a mãe e a criança. Se esta fôr um rapaz, dêem-lhe o dôbro do que derem à mãe. Se fôr rapariga, quero que receba metade do que a mãe receber».

Ora, a afilhada deu à luz dois gêmeos, uma rapariga e um rapaz.

Como conseguiu o testamenteiro respeitar e executar as últimas vontades do testador?

## Anagramas

cinematográficos

(Solução)

- 1 — Loretta Young.
- 2 — Joan Crawford.
- 3 — Clark Gable.
- 4 — Singer Rogers.
- 5 — Fred Astaire.
- 6 — Shirley Temple.



Rapariga moderna (para o mancebo tímido): — Ora, diga lá, sob a sua palavra de honra... Você já fez alguma vez isto a uma rapariga?

(Do «The Happy Magazine».)

# Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1937

**Esc. 19.983.462\$61**

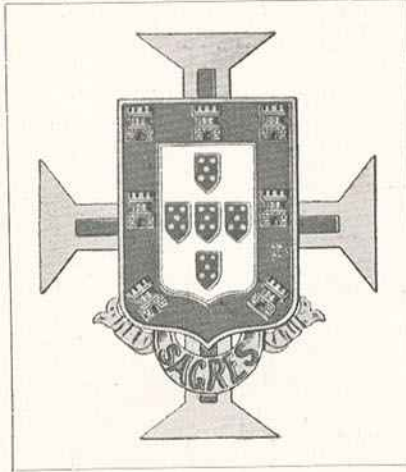
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis, Responsabilidade civil, todos os riscos

CONSULTEM

A

## SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1937

**Esc. 14.645.207\$83**

Seguros Postais, Fogo, Marítimos, Agrícolas e Cristais

Seguros de Vida em tôdas as modalidades

CONSULTEM

A

## SAGRES

### Companhia de Seguros SAGRES

**RUA DO OURO, 191** — (Edifício próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

Encontra-se quasi esgotado o

## Almanaque Bertrand

para **1939**

**40.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO**

Coordenado por *M. FERNANDES COSTA*

*Único no seu género*

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

**RECREATIVO E INSTRUTIVO**

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

**LIVRO MUITO MORAL**

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas

**PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS**

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

**UM GROSSO VOLUME DE 384 PÁGINAS, ILUSTRADO COM 374 GRAVURAS**

Cartonado..... **10\$00**

Encadernado luxuosamente... **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

Indispensável a Juizes e Delegados do Procurador da República, Notários, Funcionários policiaes, Conservadores do Registo Civil, Câmaras Municipais (serviços notariaes), Estabelecimentos prisionais, Estudantes de Direito, de Medicina Legal e de Antropologia, etc.

## DACTILOSCOPIA

(Identificação — Polícia Científica)

PELO DR. LUÍS DE PINA

Professor da Faculdade de Medicina. Director do Instituto de Criminologia e do Arquivo de Identificação, Secção do Porto

**A primeira obra, no género, em Portugal**

Obra que versa tôdas as matérias respeitantes ao assunto, profusamente documentada com gravuras, tabelas, diagramas e estatísticas

Índice completo da legislação respeitante à identificação Civil e Criminal, à Dactiloscopia, à Polícia científica, etc.

Completas indicações bibliográficas portuguesas e estrangeiras

1 vol. de 318 pág., formato 24 × 16 1/2, com desenhos do autor, **30\$00**; pelo correio à cobrança, **33\$00**

PEDIDOS À

**LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 - LISBOA**

**À VENDA**

A 2.<sup>a</sup> EDIÇÃO, CORRIGIDA

# MUDANÇA DE ARES

ROMANCE

POR **SAMUEL MAIA**

1 volume brochado ..... 12\$00  
 Pelo correio à cobrança ..... 13\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS  
 POR  
**ISALITA**

1 volume encader. com  
 351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

**LIVRARIA BERTRAND**  
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## O Bébé

A arte de cuidar  
 do lactante

Tradução de Dr.<sup>a</sup> Sára Ben-  
 noiel e Dr. Edmundo Adler,  
 com um prefácio do Dr. L. Cas-  
 tro Freire e com a colaboração  
 do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo  
 volume ilustrado

**6\$00**

Depositária:

**LIVRARIA BERTRAND**  
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## COLECCÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entreccho romântico sugestivo interesse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escriptorio de virtudes conjugais.

**Volumes publicados:**

**M. MARYAN**

**Caminhos da vida**  
**Em volta dum testamento**  
**Pequena rainha**  
**Dívida de honra**  
**Casa de família**  
**Entre espinhos e flores**  
**A estátua velada**  
**O grito da consciência**  
**Romance duma herdeira**  
**Pedras vivas**  
**A pupila do coronel**  
**O segredo de um berço**  
**A vila das pombas**  
**O calvário de uma mulher**  
**O anjo do lar**  
**A força do Destino**  
**Batalhas do Amor**  
**Uma mulher ideal**  
**Ilusão perdida**

**SELMA LAGERLÖF**

Os sete pecados mortais e outras histórias  
 Cada vol. cartonado ... Esc. **8\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

# OBRAS DE JULIO DANTAS

**PROSA**

ABELHAS DOIRADAS — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. .... 8\$00  
 — (1.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. .... 15\$00  
 ALTA RODA — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. .... 13\$00  
 AMOR (O) EM PORTUGAL, NO SÉCULO XVIII — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. .... 12\$00  
 AO OUVIDO DE M.<sup>me</sup> X. — (5.<sup>a</sup> edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. .... 9\$00  
 ARTE DE AMAR — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. .... 10\$00  
 AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.<sup>a</sup> milliar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. .... 12\$00  
 CARTAS DE LONDRES — (2.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. .... 10\$00  
 COMO ELAS AMAM — (4.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. .... 8\$00  
 CONTOS — (2.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. .... 8\$00  
 DIÁLOGOS — (2.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. .... 8\$00  
 DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. .... 1\$50  
 ELAS E ELAS — (4.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. .... 8\$00  
 ESPADAS E ROSAS — (5.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. .... 8\$00  
 ETERNO FEMININO — (1.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. .... 12\$00  
 EVA — (1.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. .... 10\$00  
 FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. .... 8\$00  
 GALOS (OS) DE APOLO — (2.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. .... 8\$00  
 MULHERES — (6.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. .... 9\$00  
 HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. .... 6\$00  
 OUTROS TEMPOS (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. .... 8\$00  
 PÁTRIA PORTUGUESA — (5.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br. .... 12\$50  
 POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. .... 2\$00  
 UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. .... 1\$50  
 VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br. .... 12\$00

**POESIA**

NADA — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. .... 6\$00  
 SONETOS — (5.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. .... 4\$00

**TEATRO**

AUTO D'EL-REI SELBUÇO — (2.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. .... 3\$00  
 CARLOTA JOAQUINA — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. .... 3\$00  
 CASTRO (A) — (2.<sup>a</sup> edição), br. .... 3\$00  
 CELIA (A) DOS CARDIAIS — (27.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. .... 1\$50  
 CRUCIFICADOS — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. .... 8\$00  
 D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. .... 3\$00  
 D. JOÃO TENÓRIO — (2.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. .... 8\$00  
 D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. .... 2\$00  
 MATER DOLOROSA — (6.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. .... 3\$00  
 1023 — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. .... 2\$00  
 O QUE MORREU DE AMOR — (5.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. .... 4\$00  
 PAÇO DE VEIROS — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. .... 4\$00  
 PRIMEIRO BEIJO — (5.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. .... 2\$00  
 REI LEAR — (2.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. .... 9\$00  
 REPOSTEIRO VERDE — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. .... 5\$00  
 ROSAS DE TODO O ANO — (10.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. .... 2\$00  
 SANTA INQUISIÇÃO — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. .... 6\$00  
 SEVERA (A) — (5.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. .... 8\$00  
 SOROR MARIANA — (4.<sup>a</sup> edição), 1 vol. br. .... 3\$00  
 UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. .... 8\$00  
 VIRIATO TRÁGICO — (3.<sup>a</sup> edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. .... 8\$00

**Pedidos à**

**LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

**Venda a prestações contra entrega imediata da obra.**  
**O cliente paga a 1.ª prestação e pode levar para casa**  
**os 21 volumes tendo ainda a vantagem do sorteio**  
**que lhe pode proporcionar o pagamento da obra por**  
**uma deminuta importância**



# HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS  
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

**21 vols. no formato de 17<sup>cm.</sup> × 26<sup>cm.</sup>, 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes**

Muito bem encadernados em percalina e letras douradas

**Em 20 prestações mensais de Esc. 75\$00 com resgate por sorteio mensal Esc. 1.500\$00**

**COMO É O SORTEIO?** Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do número premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador, apenas com o pagamento da 1.ª prestação, pode levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

**LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA



**A mais bela revista feminina que se publica tôdas as semanas**

Leitura captivante e educadora - Aspecto interessante e atraente  
Sumários variados e tentadores

Páginas magnificas sôbre: **Família e Arte de Viver — Beleza e Higiene — Modas — A Casa, O Lar, O Jardim — Alimentação — Movimentos, ginástica**

**ROMANCES — NOVELAS — CARTAS**

**NUMEROSAS GRAVURAS A PRETO E A CORES**

**FIGURINOS E MODELOS** das mais simples às mais luxuosas «toilettes», chapéus, penteados, etc.

**O mais belo e apreciado repositório dos cuidados da mulher moderna**

Cada número de 60 páginas, com uma artística capa a côres, **Esc. 3\$00**

**DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL**

**LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA**